

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO**

Irislaine Junia Ventura

**“Contos de Mariana”
Mídia sonora pensada e produzida para crianças**

Mariana
2019

Irislaine Junia Ventura

“Contos de Mariana”
Mídia sonora pensada e produzida para crianças

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Orientadora: Luana Viana e Silva

Mariana
2019

V468c Ventura, Irislaine Junia.
?Contos de Mariana? [manuscrito]: mídia sonora pensada e produzida para
crianças / Irislaine Junia Ventura. - 2019.

112f.: il.: color; tabs.

Orientadora: Prof^a. MSc^a. Luana Viana e Silva.

Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de
Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e
Serviço Social.

1. História - Teses. 2. Infância - Teses. 3. Mariana (MG) - Teses. 4.
Radiojornalismo - Teses. 5. Podcasting - Teses. I. Silva, Luana Viana e. II.
Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 659.3

Catálogo: ficha.sisbin@ufop.edu.br



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
COORDENADORIA DE COMUNICACAO INSTITUCIONAL



FOLHA DE APROVAÇÃO

Irislaine Junia Ventura

Contos de Mariana: mídia sonora pensada e produzida para o público infantil

Membros da banca

Luana Viana e Silva - Mestra - Universidade Federal de Ouro Preto
Debora Cristina Lopez - Doutora - Universidade Federal de Ouro Preto
Luã José Vaz Chagas - Doutor - Universidade Federal de Mato Grosso

Versão final

Aprovado em 02 de dezembro de 2019

De acordo

Ma. Luana Viana e Silva



Documento assinado eletronicamente por **Luana Viana e Silva, ASSISTENTE EM ADMINISTRACAO**, em 13/12/2019, às 12:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0028173** e o código CRC **2CAC5413**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.203957/2019-11

SEI nº 0028173

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: - www.ufop.br

Dedico este trabalho a minha mãe,
a mulher mais forte que já conheci, na qual me inspiro.

AGRADECIMENTOS

A graduação é cheia de altos e baixos. Alguns dias você se sente no fundo do poço, sente saudade de casa, acha que não vai dar conta, se acha insuficiente por não conseguir entregar o trabalho a tempo, pelo coeficiente baixo e por outros mil motivos. No outro dia, consegue cumprir tudo o que prometeu durante o dia e se enche de felicidade, o humor melhora, você jura estar fazendo o curso da sua vida e faz grandes planos. Nesse vai e vem de sentimentos, é bom ter com quem contar. Amigos, família e amores recarregam nossas energias, nos motivam e fazem tudo ficar mais leve. Sou grata a Deus, pois Ele é bom demais pra mim, colocou no meu caminho as melhores pessoas. Nesses anos de graduação, tempo instável, confuso, incerto, foram estas pessoas que estiveram do meu lado.

Agradeço a minha família pelo amparo, amor, pela preocupação e por se manter perto mesmo a quilômetros de distância. Pai e Maise, vocês são meus maiores exemplos. Vini te agradeço por ser sempre amoroso e paciente. Tantas vezes o seu carinho e suas palavras foram minha motivação.

A minha orientadora, por toda ajuda. Luana, sua orientação foi indispensável. Hoje eu não estaria tão satisfeita com o resultado deste trabalho se não fosse por você. É uma pessoa de coração bom, forte, linda, inteligente, humilde e cheia de vida. Te admiro muito e te agradeço por ter aceitado o convite que fiz lá atrás e por ter caminhado comigo até o fim.

Aos meus amigos, presentes da UFOP, pela motivação e carinho. Vocês foram fundamentais.

Aos amigos de longe, que torceram para que tudo desse certo aqui.

Aos parceiros que aceitaram participar do “Contos de Mariana” e doaram seu tempo com entusiasmo e dedicação. Julia, Marcelo, Ivan, Alex Sander, Renato, Thiago, Matheus, Adrienne, Uriel, Ingrid, Victor, Pedro, Vinícius, Hugo, Luiz e Jean, vocês contribuíram muito.

À Debora Cristina Lopez, professora da Universidade Federal de Ouro Preto e ao Luã Chagas, professor da Universidade Federal de Mato Grosso por aceitarem fazer parte da minha banca, doarem seu tempo e contribuírem com o meu trabalho.

Aos professores, pelo ensinamento e dedicação. Hoje concluo a graduação certa de que aprendi com os melhores profissionais, na melhor universidade.

Aproveito e por fim agradeço a UFOP. Que muitos, assim como eu, tenham a oportunidade de usufruir de um ensino público, gratuito e de qualidade!

RESUMO

O presente memorial discorre inicialmente sobre os direitos da infância, o jornalismo infantil, radiojornalismo infantil e apresenta vários aspectos acerca do relacionamento da criança com a mídia sonora. Sendo assim, traz uma reflexão teórica que foi base para a produção do podcast “Contos de Mariana” - produto desenvolvido como trabalho de conclusão de curso, de Jornalismo, que teve como objetivo amenizar a falta de produtos sonoros jornalísticos e educativos para crianças. Amparada em diversos autores, a pesquisa aborda sobre a construção social do conceito de infância (NASCIMENTO E BRANCHER, 2008), marca o período histórico em que as crianças passaram a ser vistas como seres particulares (CALDEIRA, 2010), além de apresentar o contexto em que surgiram as primeiras produções jornalísticas para o público infantil (FERREIRA, 2007). A principal questão refletida ao longo deste trabalho é a escassez de mídia sonora jornalística, informativa e educativa para o público infantil. Enquanto se aproxima dessa discussão, a pesquisa perpassa por outros assuntos fundamentais como o surgimento da literatura (VARÃO E BEMFICA, 2009), o início das transmissões radiofônicas, as fases do rádio, a expansão das novas mídias (GOMES E SANTOS, 2017), o uso de recursos sonoros (JOSÉ E SERGL, 2007) e outros. Este trabalho também apresenta as especificidades da série de podcast “Contos de Mariana” resultante da pesquisa. A produção é dividida em oito episódios intitulados: O surgimento da cidade e a descoberta do ouro; As igrejas e a religiosidade; As primeiras escolas; Poesia; Música; A história do futebol em Mariana; A arquitetura: o desenho da cidade; e, por último, Os dez distritos.

PALAVRAS-CHAVES: História, infância, Mariana, podcast, radiojornalismo.

ABSTRACT

This memorial discusses children's rights, children's journalism, children's radio journalism and presents various aspects of children's relationship with the sound media. Thus, it brings a theoretical reflection that was the production bases of the podcast “Mariana's Tale” - product developed as a Journalism final work, which aimed to alleviate the journalistic lack and educational sound products for children. Supported by several authors, the research refers to the childhood concept, marks the historical period in which children came to be seen as particular beings (CALDEIRA, 2010), besides presenting the context in which journalism for children emerged (FERREIRA, 2007). The main issue reflected is the lack of journalistic, informative and educational sound media for children. While approaching this discussion, the research goes through other fundamental issues such as the literature emergence (VARÃO E BEMFICA, 2009), the radio broadcasts beginning, the historical radio phases, the new media expansion (GOMES E SANTOS, 2017), the sound resources use (JOSÉ & SERGL, 2007) and others. This work also presents the podcast series “Mariana's Tale” resulting from the research. The production is divided into eight episodes entitled: The emergence of the city and the gold discovery; The churches and religiosity; The first schools; Poetry; Music; The soccer history in Mariana; The architecture: the city design; and the ten districts.

KEY WORDS: History; childhood; Mariana; podcast; radiojournalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ilustrações das histórias de Perrault	p. 20
Figura 2 – As aventuras de Nhô Quim	p. 21
Figura 3 – Revista “O Tico - Tico”	p. 22
Figura 4 – Roquette Pinto, considerado o pai do rádio brasileiro	p. 30

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Personagens por episódios	p.48
---	------

APÊNDICE

Roteiro 1 – Surgimento da cidade e a descoberta do ouro	p. 54
Roteiro 2 – As igrejas e a religiosidade	p. 60
Roteiro 3 – As primeiras escolas	p. 68
Roteiro 4 – Poesia	p. 75
Roteiro 5 – Música	p. 83
Roteiro 6 – A história do futebol em Mariana	p. 90
Roteiro 7 – A arquitetura: o desenho da cidade	p. 97
Roteiro 8 – Os dez distritos	p. 105

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	p. 12
1 JORNALISMO INFANTIL	p. 16
1.1 Entendendo o conceito de infância	p. 17
1.2 O surgimento do Jornalismo Infantil	p. 19
1.3 As produções jornalísticas infantis	p. 24
1.4 Viés educativo	p. 26
2 RADIOJORNALISMO INFANTIL	p. 29
2.1 O surgimento do rádio e os primeiros programas infantis	p. 29
2.2 Porque as emissoras deixaram de investir em programas de rádio para criança X Outras iniciativas?	p. 34
2.3 Porque investir no radiojornalismo para criança?	p. 38
2.4 Rádio expandido	p. 40
2.5 Podcasts e a técnica da contação de história	p.44
3 PROJETO EDITORIAL	p. 47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p.51
REFERÊNCIAS	p. 52
APÊNDICES	p. 54

INTRODUÇÃO

Mariana é a cidade escolhida para ilustrar a narrativa do podcast "Contos de Mariana". Localizada no estado de Minas Gerais, aproximadamente a 120 km da capital Belo Horizonte, sua população é estimada em 54.200 habitantes de acordo com o último censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).¹

Mariana é considerada a primeira vila e primeira capital de Minas Gerais. Sua história é marcada pela religiosidade, pelo ciclo do ouro e pela beleza arquitetônica. De acordo com o Portal da Cidade, Mariana é um dos municípios mais importantes do Circuito do Ouro e é parte integrante da Trilha dos Inconfidentes e do Circuito Estrada Real². A mineração continua sendo uma atividade econômica na cidade, além do turismo cultural e diferentes comércios.

O município, inicialmente conhecido como arraial de Nossa Senhora do Carmo por estar localizado às margens do pequeno Ribeirão do Carmo, foi elevado a cidade em 1745 e recebeu o nome de Mariana como uma homenagem feita pelo rei lusitano D. João V a sua esposa, rainha Maria Ana D'Austria³. Na mesma época em que a região foi nomeada Mariana, também passou a ser a sede do primeiro bispado mineiro. Para assumir a função, o bispo Dom Frei Manoel da Cruz saiu do Maranhão para radicar na cidade mineira.

Anterior a isso, em 16 de julho de 1696, Bandeirantes paulistas haviam encontrado ouro naquele Ribeirão, o que fez com que a região se tornasse uma das principais fornecedoras desse minério para Portugal. O dia 16 de julho ficou marcado como a data de celebração do aniversário de Mariana. Em 2019, a cidade completou 323 anos.

Apesar de ser uma das cidades mais antigas do estado de Minas Gerais, Mariana só teve sua primeira emissora de rádio inaugurada quase 300 anos depois de sua fundação, em 1996⁴. Nesse ano, foi fundada a Rádio Mariana FM, fruto de um projeto idealizado por Francisco Esquárccio, chefe de gabinete do então deputado Federal Israel Pinheiro Filho.

O propósito da emissora é veicular uma programação de qualidade para ouvintes da região dos Inconfidentes, Zona da Mata e Região Metropolitana de Belo Horizonte.

¹ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/mariana/panorama>. Acesso em 6 set. 2019.

² Disponível em: <https://mariana.portaldacidade.com/historia-de-mariana-mg#targetText=A%20hist%C3%B3ria%20de%20Mariana%2C%20que,ao%20tempo%20do%20Brasil%20Col%C3%B4nia.&targetText=Jo%C3%A3o%20V%2C%20em%201745%2C%20a,%C3%A0%20cidade%20e%20nomeada%20Mariana>. Acesso em 6 set. 2019.

³ Disponível em: <http://www.mariana.mg.gov.br/historico>. Acesso em 6 set. 2019.

⁴ Disponível em: http://www.radiomariana.com.br/?utm_source=cxradio. Acesso em 6 set. 2019.

Atualmente, a programação da Mariana FM é bem diversificada e alcança mais de 50 cidades do estado de Minas Gerais. Sua grade conta com programas de jornalismo, entretenimento, música, cultura, educação, esporte e informações de interesse da sociedade.

A Rádio Hits FM é outra emissora local, popular entre os ouvintes. Fundada em 2002, teve suas atividades pausadas durante um tempo e só foi reativada em 2015. A Rádio Hits atua no segmento rock e pop rock, cobre eventos relacionados ao estilo de sua programação e divulga artistas e bandas locais.

A Web Rádio Cidade Mariana⁵ foi criada em novembro de 2014 pelos jornalistas Arlindo Luís e Jota Messias. Transmitida online, a webradio é bastante interativa: os ouvintes enviam seus pedidos musicais via internet e são eles que montam a programação.

Esses veículos, considerados alguns dos mais populares na cidade, possuem programações que atendem aos interesses dos jovens e adultos, sem levar em consideração o público infantil⁶. Não constam programas para crianças na grade de nenhuma das duas emissoras FM, tampouco na webradio citada.

O “Contos de Mariana” surge como uma alternativa ao principal **problema** apontado aqui: a falta de produtos radiofônicos para o público infantil na cidade de Mariana. A série de podcasts conta para crianças sobre a história da primeira capital de Minas por meio de temas relacionados a cidade e é destinado a crianças de 8 a 12 anos. Cada um dos oito episódios produzidos, conta com a participação de personalidades importantes para a história. O intuito é que o podcast seja fonte de informação para as crianças, uma vez que elas também têm papéis sociais e são produtoras de cultura e devem ser vistas como consumidoras de mídia.

Segundo o portal “Lunetas”⁷, a criança tem o direito de acesso às mídias e à participação no debate público assegurados na Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança. Pensando nisso, realizamos uma breve pesquisa na qual constatamos que grande parte das produções desenvolvidas para o público infantil é impressa ou audiovisual.

O tema escolhido é uma forma de aproximar a criança da cultura e da história do lugar onde vive, além de fugir de temas tradicionais como contos de fadas. Precisamos entender e pontuar os aspectos relacionados à escassez de produtos radiofônicos para crianças. Logo,

⁵ Disponível em: <http://radiocidademariana.com.br/.Acesso> em 6 set. 2019.

⁶ A autora realizou uma pesquisa de campo junto as emissoras Rádio Hits FM, Mariana FM e Web Rádio Cidade Mariana.

⁷ Disponível em: <https://lunetas.com.br/jornalismo-infantil-a-melhor-maneira-de-falar-com-as-criancas-e-ouvindo-as/>. Acesso em 9 set. 2019.

contribuir para amenizar essa situação e promover o contato de crianças com a mídia sonora jornalística, é o principal **objetivo** do podcast, que busca, por meio dos objetivos específicos:

- Reunir depoimentos sobre a história do município, trazer curiosidades sobre os lugares e pontos turísticos;
- Aproximar as crianças da cultura na qual estão inseridas;
- Pesquisar, conhecer e indicar outros podcasts com temáticas infantis;
- Trazer uma narrativa que contribua para o conhecimento da criança, sobre cultura e história, além de satisfazer apenas o entretenimento;
- Estimular a imaginação, a atenção e a concentração, por meio de efeitos sonoros e outros recursos;
- Mostrar que a criança também é importante, também é ser social e precisa de atenção quando se trata de comunicação e jornalismo.

A importância de trabalhar a sonoridade com as crianças é um dos principais aspectos que **justificam** esse trabalho. O som está em toda parte e é essencial para o desenvolvimento da percepção, das emoções e de outros aspectos na fase da infância. Investir em programas para crianças, pílulas, programetes, podcasts ou qualquer que seja o formato de mídia veiculada no rádio é trabalhar com essas e outras questões, como por exemplo, o futuro do rádio, a cultura criada em torno desse veículo e a expansão do conhecimento.

Muitos temas podem render boas produções radiofônicas para o público infantil, desde que a linguagem esteja condizente com a faixa etária trabalhada. As narrativas sonoras, além de promover conhecimento, têm uma particularidade que as difere da mídia impressa e do audiovisual. Ouvindo, a criança estimula sua imaginação. Além disso, o material é de fácil acesso e distribuição.

A relevância do tema é outro fator que justifica esse trabalho, já que o produto ao contar a história de Mariana, está contando parte da história de Minas Gerais e do Brasil.

O memorial traz a pesquisa desenvolvida pré-produção do podcast. Sua estrutura está dividida da seguinte forma: introdução, primeiro capítulo sobre jornalismo infantil, segundo capítulo dedicado a falar sobre o radiojornalismo infantil e o surgimento do podcast, projeto editorial, referências e considerações finais.

A proposta do primeiro capítulo, intitulado “Jornalismo Infantil”, é entender aspectos gerais do jornalismo voltado para crianças. Para tal, apresentamos o conceito de infância, principal público alvo do podcast. Falamos sobre as circunstâncias em que surgiu o

jornalismo infantil e pontuamos outras abordagens fundamentais para guiar a pesquisa, como: as primeiras produções, a recepção, as transformações e o viés educativo do jornalismo.

No segundo capítulo, intitulado “Radiojornalismo Infantil”, a pesquisa se afunila ainda mais. O leitor vai entender o surgimento do rádio, por meio de um breve apanhado e conhecer os primeiros programas infantis e outras iniciativas. Vai descobrir o porquê as emissoras deixaram de investir em programas de rádio para criança e entender o conceito de rádio expandido. Ainda no segundo capítulo, vamos falar sobre podcasts e brevemente sobre a técnica da contação de história.

Por fim, no projeto editorial especificamos a estrutura dos podcasts: como foram usados os recursos sonoros, quais são as características principais, como a identidade sonora foi construída, quantos podcasts compõem a série, quais critérios definem o roteiro dos episódios. Além disso, vamos detalhar cada episódio, apresentar exemplos de outros podcasts no mesmo segmento e falar sobre a distribuição.

CAPÍTULO 1

JORNALISMO INFANTIL

Em todo lugar tem um pesquisador ou uma pesquisadora se dedicando a entender vários aspectos sobre o jornalismo tradicional, voltado para os pais, as mães, avós, tios, enfim os adultos. Em contrapartida, existem poucas pesquisas sobre jornalismo infantil e poucos produtos jornalísticos feitos especialmente para esse público. A expectativa é que essas pesquisas e produtos feitos para o público infantil se tornem numerosos, que façam cada vez mais parte da academia e do mercado, já que na sociedade contemporânea as crianças ganharam mais importância que em séculos atrás (FURTADO, 2014).

Produzir para crianças é desafiador, a linguagem precisa ser simples, independente do formato. A mensagem transmitida precisa ser compreendida pelo público receptor sem ruídos, por isso quanto mais resumida e livre de termos difíceis e palavras estrangeiras, melhor. Os produtos precisam ser atraentes e ter sentido. Produzir jornalismo para criança também exige pesquisa, por vez ainda mais elaborada.

Quais mídias as crianças têm consumido? As empresas de comunicação se preocupam em dedicar um espaço em suas produções para o jornalismo infantil? Crianças são leitoras do impresso? São ouvintes de rádio? Todas essas perguntas têm respostas, algumas já foram consolidadas há décadas atrás, outras estão em constante discussão. Para encontrar as respostas dessas questões, inicialmente voltamos lá atrás na história até chegarmos nos dias atuais. Contudo, o objetivo do primeiro capítulo é situar o leitor por meio de um panorama histórico para que entenda o contexto no qual se insere o objeto estudado.

A principal questão levantada nesse trabalho é a escassez de produtos radiofônicos para crianças. Como uma linha do tempo, é fundamental traçar acontecimentos importantes do passado para entender o presente. Sendo assim, o primeiro capítulo intitulado como "Jornalismo Infantil" abre o leque de discussões, apresenta conceitos importantes fundamentados por autores dedicados a estudar o tema, traz o significado de infância, fala sobre a literatura infantil, aponta as contribuições que os livros deram à formação das crianças, as primeiras produções literárias no Brasil e autores importantes. Aproxima literatura, história em quadrinhos e jornalismo e discorre sobre o contexto em que a sociedade começou a enxergar a criança como ser particular, indo em direção ao tema central. Por fim, o capítulo apresenta o viés educativo que o jornalismo tem.

1.1: Entendendo o conceito de Infância

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, de 1998, afirma que "As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio⁸", ou seja: elas têm particularidades que as tornam únicas, capazes de pensar e agir dentro de um contexto que independe de um público adulto. O Referencial é um documento de âmbito nacional criado para trazer propostas educacionais voltadas para crianças de 0 a 6 anos de idade, além de contribuir com o trabalho dos profissionais da área da educação nas creches e pré-escolas e reforçar a importância da lei que marca a educação infantil como primeira etapa da educação básica.

De acordo com Paulo Renato Souza, que foi Ministro da Educação do Brasil entre 1995 e 2002, "o referencial pretende apontar metas de qualidade que contribuam para que as crianças tenham um desenvolvimento integral de suas identidades, capazes de crescerem como cidadãos cujos direitos à infância são reconhecidos". O documento reflete a atenção que a infância recebe nos dias de hoje, pois existe - ou deveria existir - um planejamento feito pelas escolas e pelas famílias para que a criança desenvolva sua identidade, autonomia, confiança e se sinta parte da sociedade, mas nem sempre foi assim.

Hoje, pela constituição Federal, crianças e adolescentes são concebidos como sujeitos de direito, nesse sentido recebem assistência em várias áreas para que possam se desenvolver de forma saudável. É colocado sobre o poder público, o dever de proporcionar às crianças leis e políticas públicas que possam contribuir com o esse desenvolvimento, mas a família, os adultos em volta, os comunicadores e a sociedade como um todo, também podem interferir para que as crianças tenham direitos garantidos e contato com boas ferramentas de aprendizagem.

Outros direitos são referentes à cultura, à profissionalização, à alimentação, à saúde, ao lazer, ao esporte e outras áreas. O Estatuto da criança e do Adolescente (ECA) é um documento que formaliza esses direitos. Criado em 13 de julho de 1990, o documento reúne leis voltadas ao desenvolvimento e proteção integral de crianças e adolescentes.

⁸ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf> Acesso em 19 abr. 2019.

Em sua pesquisa sobre o panorama histórico do conceito de infância, Caldeira (2010) fala sobre o tratamento que a infância recebia séculos atrás. Era alta a taxa de mortalidade infantil no século XII: por falta de recursos, muitos recém-nascidos ficavam doentes e não conseguiam receber o tratamento adequado para sobreviverem. Na época, as crianças que conseguiam se desenvolver e atingir uma certa idade só ganhavam identidade própria quando começavam a reproduzir comportamentos semelhantes aos dos adultos com os quais viviam. Não existiam as mesmas singularidades que existem hoje, a infância e a fase adulta se misturavam. Crianças não tinham espaços pensados para elas, se espelhavam nos mais velhos e não eram caracterizadas por expressões particulares. Até o final do século XVIII, eram vistas como "homens com tamanho reduzido" ou como "páginas em branco a serem preenchidas" (CALDEIRA, 2010, p. 3). A elas era ensinado sobre os bons costumes e bastava que seguissem as regras pré-estabelecidas socialmente.

Segundo Heywood (apud. CALDEIRA, 2010, p. 3), a infância seria "descoberta" entre os séculos XV, XVI e XVII, "quando então se reconheceria que as crianças precisavam de tratamento especial antes que pudessem integrar o mundo dos adultos". A partir desse momento, após algumas transformações sociais, a criança começa a ser vista por meio de suas particularidades e não mais como um "adulto imperfeito". A infância começou a ser ressignificada e as famílias viram a necessidade de mudar o tratamento dado a essa fase da vida. Nesse momento, as escolas tiveram papel fundamental. Sugerindo que as mudanças implicaram até mesmo nas relações afetivas entre pais e filhos, Áries (apud CALDEIRA, 2010, p. 3), diz que

Trata-se um sentimento inteiramente novo: os pais se interessavam pelos estudos dos seus filhos e os acompanhavam com solicitude habitual nos séculos XIX e XX, mas outrora desconhecida. (...) A família começou a se organizar em torno da criança e a lhe dar uma tal importância que a criança saiu de seu antigo anonimato, que se tornou impossível perdê-la ou substituí-la sem uma enorme dor, que ela não pôde mais ser reproduzida muitas vezes, e que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar dela (ÁRIES, 1981, p.12).

Nascimento et al. (2008, p.2) afirmam que as produções existentes sobre o conceito de infância são recentes e isso mostra o quanto o tema demorou a ser visto como objeto de pesquisa pelas Ciências Sociais e Humanas, concordando que a preocupação com a criança só passou a ser presente a partir do século XIX. "Obviamente isso não significa negar a existência biológica desses indivíduos, significa em realidade reconhecer que antes do século 16 a consciência social não admite existência autônoma da infância" (LEVIN, 1997, apud.

NASCIMENTO et al, 2008, p. 4). Ainda sobre essa questão é importante lembrar: "A maneira como a infância é vista atualmente é consequência das constantes transformações pelas quais passamos, e que é de extrema importância nos darmos conta destas transformações para compreendermos a dimensão que a infância ocupa atualmente" (CALDEIRA 2010, p.4).

Com a escolarização das crianças, um novo conceito de infância se construía dentro da sociedade ao passo em que começaram a surgir segmentos para desmistificar a visão antiga. Um desses segmentos que explicam a divisão das fases da vida na contemporaneidade tem a ver com os espaços que ocupamos. Para Nascimento et al. (2008, p.7) “na sociedade contemporânea, facilmente constatamos a separação das faixas de idade. Crianças, adolescentes, adultos jovens e adultos velhos ocupam áreas reservadas, como creches, escolas, oficinas, escritórios, asilos, locais de lazer, etc”.

A comunidade e a família perceberam que o ensino ofertado pelas escolas voltado para as crianças seria bom para a evolução social. “A partir do momento em que alcançou-se uma consciência sobre a importância das experiências da primeira infância, foram criadas várias políticas e programas que visassem promover e ampliar as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças, que por sua vez, passaram a ocupar lugar de destaque na sociedade” (CALDEIRA, 2010, p.5). Paralelo a isso, surgiu a literatura infantil para atender a uma necessidade que a linguagem adulta já não atendia mais.

Os primeiros livros para crianças foram produzidos ao final do século XVII e durante o século XVIII. Antes desta época não se escrevia para elas, porque não existia infância (...) os primeiros textos para crianças foram escritos por pedagogos e professores, com intenções de sentido educativo (TASSI, 2002, p.1-2. APUD VARÃO E BEMFICA, p.5)

No próximo tópico, discutiremos mais detalhadamente sobre o surgimento do jornalismo infantil para compreendermos sobre o cenário em que se deram as produções jornalísticas para crianças.

1.2: O surgimento do jornalismo infantil

É essencial falar do surgimento da literatura infantil brasileira para tratar sobre o jornalismo infantil, pois ambos se entrelaçam na história da comunicação voltada para criança. "Em vários países, muitos escritores começaram a investir na literatura infantil

quando a população percebeu que não era possível educar crianças com livros com uma linguagem adulta" (VARÃO E BEMFICA, 2009, p. 5). Nomes como Johann Amos Komensky, Charles Perrault e os irmãos Grimm assinaram obras fantásticas destinadas ao público infantil no século XIX. Para Furtado (2014, p. 2), é preciso entender a evolução da literatura infantil e também das histórias em quadrinhos, pois “essas formas narrativas são embrião do jornalismo infantil”.

Na idade média, os contos não tinham distinção de público. Somente no século XVIII, com a burguesia, os contos foram destinados às crianças (MACHENS, 2009, apud. FURTADO, p.2). Daí em diante, os contos atravessaram muitos contextos até se esbarrarem no que conhecemos hoje como jornalismo infantil.

Segundo Varão e Bemfica (2009), “Contos de Carochinha” (1894), escrito por Alberto Figueiredo Pimentel, foi o primeiro livro infantil publicado no Brasil. Antes dele, algumas adaptações de contos europeus feitos por Arnaldo de Oliveira Barreto já vinham marcando a literatura infantil brasileira, entre elas o “Patinho Feio” de 1915. Já para Furtado (2014), as obras de Charles Perrault, escritor francês, foram nomeadas como sendo as primeiras obras da literatura para crianças. Entre as produções de Perrault estavam “Contos de mamãe gansa”, “O Pequeno Polegar” e “Chapeuzinho vermelho” (figura 1).



Figura 1: Ilustrações das histórias de Perrault, feitas pelo pintor e desenhista Gustave Doré.
Fonte: Wikipedia

De mãos dadas com a literatura também nasciam as histórias em quadrinhos. A primeira história em quadrinhos produzida no Brasil teve como autor Angelo Agostini, italiano radicado no país, com contribuição de Cândido A. de Faria (AGOSTINI, 2013, p. 22). A história conhecida como “As aventuras de Nhô Quim” ou “Impressões de uma viagem”,

contava sobre um caipira que se metia em confusões em uma corte imperial (figura 2). O enredo teve seus nove primeiros capítulos ilustrados por Agostini e os cinco restantes por seu companheiro de trabalho, Cândido A. de Faria. A história em quadrinhos foi publicada no jornal “Vida Fluminense” em 30 de janeiro de 1869.



Figura 2: “As aventuras de Nhô Quim”

Fonte: site Nação HQ

Zé caipora foi outro personagem famoso das histórias de Agostini. Ambos contribuíram para a cultura e contexto histórico da época e hoje, além disso, contribuem para estudar alguns segmentos da comunicação, como o jornalismo infantil. O artista americano Richard Outcault, em 1895 trabalhou com a linguagem das HQs em "Yellow Kid" (Menino Amarelo) publicado em jornais de Nova York.

De acordo com as pesquisas de Furtado (2014, p.5), “a primeira revista semanal francesa direcionada para crianças se chamava Le Jeudi Jeunesse”, lançada em 30 de abril de 1902. Le Jeudi da Jeunesse e Semaine de Suzette foram algumas das revistas francesas que inspiraram a criação da publicação que ficou marcada como sendo a primeira revista infantil de quadrinhos no Brasil (CARDOSO, 2008, apud. FURTADO, 2014, p.5).

No Brasil, Varão e Bemfica (2009) marcam a revista semanal “Tico-tico” como a primeira revista infantil de quadrinhos (figura 3). A produção foi lançada no Rio de Janeiro em 11 de outubro de 1905, por Luís Bartolomeu de Souza e Silva, Manoel Bomfim, Renato de Castro e Cardoso Júnior. A revista “Tico-Tico”, em muitos aspectos, se diferenciava dos livros literários. Os leitores da revista podiam interagir enviando fotos e textos para a redação, por exemplo. A revista “possuía também edições especiais que eram educativas das quais participavam pais e professores” (VARÃO E BEMFICA, 2009, p.11). Ainda para as autoras,

a periodicidade era a única semelhança entre essas publicações e o que conhecemos atualmente como jornalismo infantil. Elas completam que “com o tempo, essas publicações passaram a apresentar elementos do jornalismo mais nitidamente em suas edições, como lealdade para com o leitor ao publicar materiais de interesse deles”.

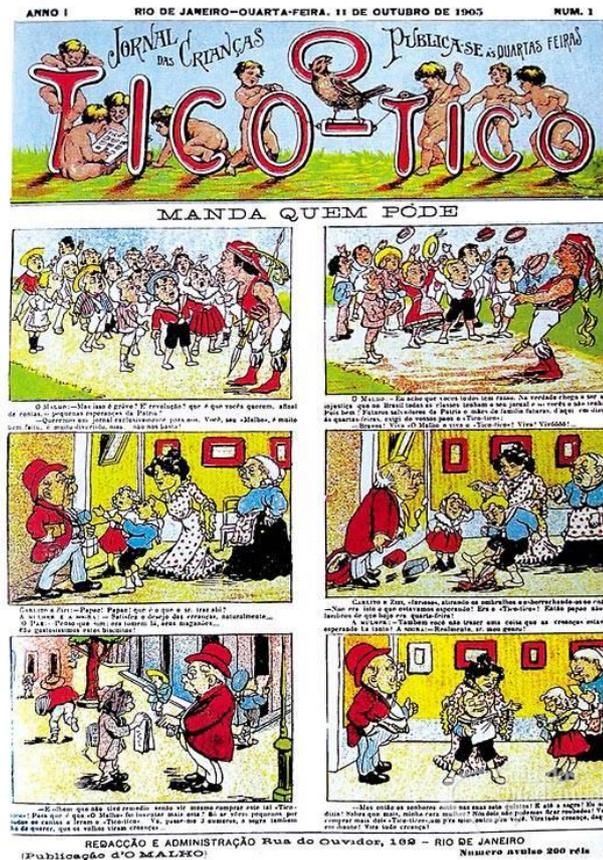


Figura 3: Revista “O Tico – Tico”.
Fonte: Biblioteca Nacional Digital.

Sesinho foi uma outra revista publicada na época para o público infantil, além de entretenimento e educação, ela trazia “sessões com informações relacionadas à educação, cultura, saúde, ética, atualidades e passatempos” (VARÃO E BEMFICA, 2009, p.11). A revista do Sesinho é publicada mensalmente até hoje pelo Serviço Social da Indústria (Sesi) e faz parte da metodologia de ensino das escolas da rede. “Sesinho é o nome do personagem principal da revista e suas histórias têm como pano de fundo diferentes temas da educação” (FURTADO, 2014, p.7).

Naquele contexto, muitos escritores brasileiros ganharam destaque produzindo histórias de peso e a literatura sofreu uma transformação. O cotidiano e a realidade das vidas brasileiras começaram a fazer parte das produções literárias, o “faz de conta” abriu espaço para representar assuntos verídicos. Monteiro Lobato, escritor renomado, quando criou “o

Sítio do Pica-Pau Amarelo”, trouxe para as narrativas personagens que viviam situações reais. “A incessante presença de temáticas realistas nas publicações infantis proporcionou a quebra do encanto do ‘era uma vez’. Além disso, permitiu observar que a literatura pode apresentar o real sem fantasias, como o jornalismo traz”, afirmam Varão e Bemfica (2009, p.7).

O novo formato de literatura se aproximava do jornalismo, na medida em que o segundo se caracteriza pela construção de uma suposta realidade. Como firmado na teoria do espelho desenvolvida em meados do século XIX, o jornalismo deveria refletir a realidade ao reportar os fatos cotidianos. Partindo dessa teoria, que surgiu com as mudanças ocorridas na imprensa estadunidense em 1920⁹, a expectativa era de que a realidade das crianças fosse então retratada por meio das produções que se destinavam a elas e que os assuntos de interesse delas fossem reproduzidos. Foi atendendo o gosto do público infantil que as produções iam adquirindo cada vez mais características do jornalismo.

A inclusão de matérias com informações atuais e culturais de interesse dos leitores, a busca por informações novas e explicações com fonte e seções destinadas à participação dos leitores, conferiram aos semanários mais características do jornalismo. Estas mudanças permitiram a perda gradativa das semelhanças com os livros e a discreta aparição e confirmação de elementos jornalísticos nos semanários, o que gerou novas preocupações (VARÃO E BEMFICA, 2009, p.14)

Mais à frente, surgiram muitas publicações de sucesso. “Suplemento juvenil” lançado em 1934 por Adolfo Aizen, “O Globo Juvenil” de Roberto Marinho em 1937, histórias em quadrinhos de super-heróis nas décadas de 1930 e 1940, “O Pato Donald” em 1950 e também as histórias em quadrinhos de Maurício de Sousa que fazem sucesso até hoje (FURTADO,2014, p.8).

Com o regime militar em 1964, as manifestações artísticas e culturais foram contidas, isso prejudicou o movimento que caminhava para uma consolidação do jornalismo infantil. Para Machens (2009), a revista “Recreio” surgiu nesse contexto de repressão com uma nova forma de escrita e abordagem sobre o universo infantil, trazendo a literatura e jornalismo para crianças de volta. A revista manteve sua primeira versão em circulação de 1969 a 1981, em 2000 teve início sua segunda versão com uma nova estrutura que se estendeu até março de 2018, quando então a revista parou de circular¹⁰. No site, os conteúdos perpassam por

⁹ Disponível em: <https://literacomunicq.blogspot.com/2010/04/teoria-do-espelho.html>. Acesso em 5 mai. 2019.

¹⁰ Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/sem-categoria/2018/09/12/revista-recreio-e-descontinuada.html>. Acesso em 30 abr. 2019.

natureza, educação, animais, curiosidades, escola e outros segmentos que atraem o gosto das crianças.

1.3: As produções jornalísticas infantis

Hoje no Brasil, ainda é pequeno o número de veículos de comunicação que produzem conteúdos jornalísticos destinados exclusivamente à criança. Para Trois et al. (2010, p.2), são poucas as opções direcionadas principalmente às crianças que tratam do jornalismo factual, na maioria das vezes “são suplementos focados em diversão, e conteúdo escolar”. Os autores ainda completam: “mais raros ainda são jornais diários [...] com ângulo voltado ao público infantil. O acompanhamento do que acontece no mundo à sua volta é transmitido pelos familiares, ouvido e talvez debatido em casa”.

O investimento é baixo, porém alguns jornais bem conhecidos adotaram suplementos infantis como forma de atingir esse público. Os suplementos aparecem como complementos do jornal tradicional, com uma linguagem apropriada para a infância. Freire e Massarani (2009) pesquisaram sobre o assunto e elaboraram algumas conclusões. As autoras analisaram todos os textos com temática científica publicados nas edições de 2008 do Globinho e da Folhinha para entender como esses suplementos abordam temas científicos para crianças. Os suplementos estudados não são especializados na divulgação científica para o público infantil, mas abordam com frequência temas dentro desse universo, por isso podem ser considerados educativos e uma “possível fonte de conhecimento científico para o público leitor” (FREIRE E MASSARANI, 2009, p. 9).

O Globinho é um suplemento do jornal O Globo que se descreve como “um espaço para crianças, com novidade literárias, dicas e programação cultural¹¹”. Sua última edição impressa saiu em 2013, e atualmente a versão é digital, em formato de “blog”. Em abril do mesmo ano, “Estadinho”, suplemento infantil do jornal “O Estado de São Paulo” também deixou de circular, mas nesse caso nem a versão digital sobreviveu: no site consta que a última atualização do “Estadinho” foi em julho de 2013¹². O jornal “O Dia” criou em 2009 o “Curumim”; “A tardinha”, criado pela jornalista Paula Morais, é o suplemento infantil do jornal “A Tarde”; e “Guri” é o projeto do “Estado de Minas”. Além desses veículos, muitos

¹¹ Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/globinho/> Acesso em 19 abr. 2019

¹² Disponível em: <https://www.estadao.com.br/blogs/estadinho> Acesso em 5 mai. 2019.

outros impressos e digitais somam conteúdo infantil ao jornalismo tradicional por meio desses suplementos.

Emissoras de TV, diferentemente dos veículos impressos, possuem outras ferramentas. É por meio do audiovisual que algumas delas exploram o jornalismo infantil. Tratando-se de interatividade, os artifícios usados pelos veículos midiáticos também se diferem. No impresso, ela aparece em forma de passatempo, o bom e velho jogo das “palavras cruzadas”, charges, piadas, desenhos para colorir de outras atividades que o audiovisual não acomoda. O audiovisual permite outras formas de interação entre a criança e a produção, como participação em videoconferência. A Rede Minas, por exemplo, tem uma iniciativa que abre espaço para que crianças possam enviar vídeos para a emissora, pode ser contando alguma história legal, falando sobre alguém especial ou apresentando algum lugar interessante.

Em parceria com a ONG holandesa “Free Press Unlimited”, em 2016 a TV Rá Tim Bum lançou o programa "Repórter Rá Teen Bum", um jornalismo feito especialmente para crianças¹³. Propondo aproximar crianças de assuntos que são complexos até mesmo para adultos, como a falta d'água e a vida política, o programa traz uma dinâmica pedagógica e uma linguagem apropriada para o público alvo com um formato de telejornal. Ao invés de convidar especialistas para discutir os assuntos das pautas no "repórter Rá Tim Bum" esse espaço é das crianças. São elas as principais fontes, contam suas experiências sobre cultura e temas atuais, o que facilita a identificação e entendimento dos pequenos receptores.

A TV Rá Tim Bum e a parceira TV Cultura, já são conhecidas pelos seus programas de televisão educativos e pela diversidade de programas para o público infantil ofertados pela grade.

O Castelo Rá-tim-bum é um dos poucos programas infantis brasileiros que desenvolveu sua programação não só para o entretenimento, mas também para orientar educacional, social e moralmente as crianças que a ele assistem. É interessante observar que cada elemento do Castelo tem sua razão de ser. Todos os quadros são pensados no sentido de despertar nas crianças habilidades musicais, geométricas, matemáticas, de leitura, pintura, entretenimento, além de pontuar conceitos de caráter moral e social (RIBEIRO, 2009, p.8).

“Quintal da cultura”, “TV Cocoricó” “O Pequeno Urso”, “Show da Luna” e “As aventuras de Tintim Rupert” são só alguns desenhos exibidos na TV Cultura. O "Repórter Rá

¹³ Disponível em: <https://rd1.com.br/tv-cultura-estreia-reporter-ra-teen-bum-programa-jornalistico-para-criancas/>
Acesso em 30 abr. 2019.

"Teen Bum" vai além de entreter com o lúdico e a ficção já que o conteúdo é educativo, traz conhecimento e insere a criança no debate como agentes sociais.

1.4: Viés Educativo

Para alguns estudiosos, o jornalismo é definido como o reflexo da realidade social e o jornalista como o guardião da verdade, o mediador responsável por levar o acontecimento até o público de forma neutra e fiel. Essa ideia pressupõe que o jornalismo exerce o papel de noticiar os fatos e nada mais. Pensar que o jornalismo se limita a "apuração, ao processamento e a transmissão de informações da atualidade para o grande público, através de veículos de difusão coletiva, não inclui espaço para debate sobre o papel educador do jornalista"(AZAMBUJA, 2008, p. 53).

Educar significa instruir, transmitir saber e dar a alguém ferramentas necessários para que este desenvolva sua personalidade, seus valores e suas opiniões. Uma vez que o jornalismo é abrangente e alcança todas as classes sociais, de tal modo que exerce influência sobre os posicionamentos e opiniões das pessoas, é possível dizer que a profissão possui sim um caráter educativo. O jornalista, ao escrever um texto, produzir um documentário, um podcast ou trabalhar com qualquer outra linguagem, precisa ter cuidado ao narrar os fatos e aproximar a informação de quem precisa dela.

E como se explica o caráter educativo do jornalismo? Estrázulas e Matos (2013) dizem que esse caráter é construído na medida em que o jornalista se propõe a ser transmissor de um jornalismo democrático e próximo da comunidade, que por sua vez tem necessidade de conhecimento. O jornalismo comunitário é um exemplo de jornalismo com caráter educativo. Para Pena (2010, apud ESTRÁZULAS E MATOS, 2013, p.2), "o jornalismo comunitário atende às demandas da cidadania e serve como instrumento de mobilização social". Com isso ele quer dizer que a informação é de interesse público e que através dos meios de comunicação as pessoas passam a ter conhecimento sobre o que acontece ao seu redor. As notícias têm, portanto, grande relevância social.

Se o jornalismo assume o papel de informar, conseqüentemente pode assumir um papel que há tempos é conhecido, o de educar. A educação na esfera do jornalismo alcança proporções maiores, pois ele atinge a todas as classes sociais, e é facilmente inserido dentro de uma comunidade em que a realidade sobre educação está distante do contexto que essa mesma sociedade vive. Como nos fala Soares (2010) que

através de uma pesquisa feita em 1999 já era possível afirmar que os meios de comunicação se preocupavam com a educação. O jornalismo faz uso dos meios de comunicação para poder se propagar (ESTRÁZULAS E MATOS, 2013, p.3).

A função de educar é tão relevante quanto a de informar, acreditamos que as duas andam de mãos dadas dentro do jornalismo. Crespo (2005, apud AZAMBUJA, 2008, p. 21) diz que o jornalismo educativo “faz referência à formação, ao ensino, à educação e à cultura [...] é um fenômeno social, cultural e econômico de grande complexidade e que demanda atenção contínua por parte dos meios de comunicação”. Segundo Estrázulas e Matos (2013), teoricamente Kaplun (1998) foi quem instituiu o campo da educação para a comunicação, o que criou um processo chamado de “educomunicação”.

A educomunicação é um campo teórico prático que envolve o processo da educação por meio das mídias digitais. O estudo compreende como a TV, o rádio, a internet ou outros meios de comunicação podem contribuir para gerar conteúdos educativos que possam ser usados em escolas e outras instituições. Citelli (2002 apud SARTORI, 2010, p.11) marca as décadas de 1930 e 1940 como a época em que se evidenciaram as discussões sobre a aproximação entre o campo da educação e o da comunicação. O autor identifica alguns pensamentos sobre essa aproximação e um deles - sendo o mais relevante para essa pesquisa- "considera as crianças vulneráveis diante da mídia".

É necessário observar o conteúdo, a linguagem, os formatos e o público que a mídia pretende alcançar, sobretudo quando se trata de um público mais desprotegido, como o infantil. Pacheco e Tassara (2001, apud FERREIRA, 2007, p. 6) afirmam que a criança estabelece uma relação de verdade absoluta com os conteúdos veiculados na mídia.

Somos bombardeados com informações o tempo todo. Pais, professores e educadores são responsáveis por selecionar o que chega aos sentidos da criança que ainda está em processo de formação. Jornalistas que trabalham com a difusão da informação para o público infantil toma para si o papel de guardião e também se torna responsável por produzir e polir o conteúdo que a criança terá acesso. Ribeiro (2009, p. 6) reforça isso ao dizer que “é importante que haja uma iniciativa de melhorar essas informações na elaboração de programas mais educativos, que devolvam o mundo lúdico e protegido à criança e que direcionemos o olhar e o interesse delas para estes programas”.

As mídias podem ser usadas como material didático dentro das salas de aula e também como aliadas ao desenvolvimento social e intelectual fora delas. E é possível desenvolver nossas percepções e conhecer a realidade que cerca nosso cotidiano, tanto por meio da leitura

e audiovisual, quanto por meio dos sons. Aqui, quando falamos de sons, colocamos em discussão o rádio, que também pode - e deve - ser explorado como mídia para informar e educar. Se de modo geral o radiojornalismo recebe pouco investimento, em que pé andam as produções de rádio destinadas ao público infantil?

CAPÍTULO 2

RADIOJORNALISMO INFANTIL

No segundo capítulo, direcionamos a pesquisa para um assunto ainda mais específico, pois já discorreremos sobre o conceito de infância, os aspectos gerais sobre o jornalismo infantil e os primeiros produtos impressos. Aqui, apresentamos especificamente sobre o radiojornalismo para criança, trazendo outra vez conceitos históricos. Entendemos a criança como o sujeito que envolve o estudo e o rádio como meio expandido. Sobre o sujeito já refletimos sobre informações que nos permitem entender certas interrogações, agora apresentamos a mídia sonora e a discussão que se aproxima ainda mais da questão principal.

O capítulo faz um apanhado sobre a história do rádio, a primeira transmissão, os personagens importantes para a consolidação do meio, as emissoras pioneiras e o contexto em que surgiu o radiojornalismo para os adultos e para as crianças. Traz exemplos de emissoras de rádio que tem em sua grade programação infantil e outras iniciativas independentes que pensam nas crianças. Neste capítulo, as transformações que o rádio viveu são vistas como fases. Compreender cada uma delas ajuda a entender a relação entre as emissoras de rádio e o baixo investimento em produtos radiofônicos infantis, outra questão abordada aqui.

Uma dessas fases compreende a expansão do rádio e o surgimento de novas mídias, incluindo o contexto em que surgiu o podcast. Além disso, abordamos sobre as técnicas empregadas atualmente para disseminar informações e atrair diferentes públicos e apresentamos exemplos de podcasts infantis.

2.1 O surgimento do rádio e os primeiros programas infantis

O rádio foi o primeiro veículo de comunicação eletrônico capaz de atingir muitas pessoas ao mesmo tempo e é por meio de ondas eletromagnéticas, que o aparelho transmite mensagens em todo canto do mundo. Ferraretto (2007, apud GOMES E SANTOS, 2017, p.11) compara a comunicação feita pelo rádio a “uma grande palestra realizada em um enorme auditório às escuras”, como se o locutor usasse um microfone, um amplificador e alto-falantes para se comunicar com o público que espera a mensagem do outro lado desse grande auditório.

A primeira transmissão radiofônica no Brasil aconteceu no nordeste em 1919, pela Rádio Clube de Pernambuco. No entanto, a transmissão feita no dia 7 de setembro de 1922,

durante a comemoração do centenário da independência, ficou marcada como a transmissão oficial. Na ocasião, o público pode ouvir o pronunciamento do então presidente da república, Epitácio Pessoa. O evento aconteceu no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, no Alto do Corcovado, e por meio dos receptores espalhados pela cidade os cidadãos puderam ouvir a demonstração pública. Após a transmissão, os receptores foram desinstalados, mas se mantiveram o espanto e a curiosidade dos ouvintes. O sucesso foi tanto que um ano depois a primeira emissora brasileira de rádio foi instalada: a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada pelo antropólogo Roquette Pinto (figura 4).



Figura 4: Roquette Pinto, considerado o pai do rádio brasileiro.
Fonte: TVK Web Cultural

Para Gomes e Santos (2017), Roquette Pinto foi muito importante para o crescimento da radiodifusão, “ele que mais tarde seria considerado o pai do rádio brasileiro, acreditou no desenvolvimento da comunicação através das ondas emitidas por aquele aparelho e que isso traria melhorias para a sociedade”.

Roquette abraçou a causa do rádio e convocou um grupo de intelectuais da Academia Brasileira de Ciências para ingressarem com ele nesse projeto e, em conjunto, fundaram a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 20 de abril de 1923. A rádio começou a operar de forma precária, com transmissões esporádicas, mas a partir de outubro do mesmo ano algumas programações começaram a ser montadas com notícias de interesse geral, conferências, programas infantis e musicais (GOMES E SANTOS, 2017, p.18).

O surgimento do meio desencadeou mudanças na sociedade, tanto nas áreas políticas e econômicas, quanto no cotidiano das pessoas. Segundo Calabre (2004, apud GOMES e

SANTOS, 2017, p 15) os costumes, as modas, as vestimentas e a forma de falar passaram a ser ditadas pelas ondas que saíam daquele aparelho transmissor.

A princípio, nem todas as pessoas tinham acesso aos aparelhos de rádio, pois eram caros e algumas tarifas eram cobradas para manter as emissoras no ar (GOMES E SANTOS, 2017, p.12). Por conta do estilo das programações do rádio, ele era considerado um meio de comunicação ligado às camadas mais altas, à elite. Literatura, aulas de português, palestras, conferências e músicas clássicas faziam parte das programações. Então, por algum tempo, as informações só chegavam aos lares das famílias nobres do Brasil.

Em 1930, o então presidente Getúlio Vargas decidiu incentivar o crescimento das indústrias brasileiras e aumentar a produção de produtos antes importados, com isso os preços dos aparelhos de rádio caíram. A partir de então, surgiram leis para conduzir as funções do meio de comunicação, o presidente “autorizou e regulamentou a publicidade no rádio, incentivou a abertura de emissoras em todo o território nacional com a finalidade de fortalecer seu projeto político de construção nacional” (KASEKER, 2013, p.3). Esses dois fatores influenciaram a expansão do rádio, que com o passar dos anos, foi mudando a forma de transmissão. “As programações agora patrocinadas por empresas privadas deram ao Rádio novo fôlego, fazendo com que as emissoras diversificassem as programações tornando-as mais populares e que pudessem atingir as camadas mais pobres da sociedade” (GOMES E SANTOS, 2017 p.13).

Essa particularidade fez do rádio um meio diferente do impresso. Os jornais impressos do século XX “necessitavam que a população detivesse um conhecimento intelectual e antes de tudo a capacidade de leitura” (GOMES E SANTOS, 2017, p.12) para compreender as informações que liam. O rádio, em contrapartida, tinha uma linguagem mais simples e acessível, o que significou um processo de integração entre diversas classes sociais. Gomes e Santos (2017) afirmam que levar informação para toda a população era apenas um dos objetivos do rádio, o meio também pretendia se aproximar do público, assim estaria cumprindo uma função social e estabelecendo uma relação de confiança. Para Brecht (apud GOMES E SANTOS, 2017, p. 13) “o rádio deveria ser o representante do povo perante o governo”.

O rádio foi ganhando destaque, além de informativo era visto como um aliado às lutas pelo desenvolvimento social e como uma forte arma política, sendo também mediador de reivindicações. Gomes e Santos (2017) trazem como exemplo a invasão da Rádio Record em 1932, onde estudantes usaram os microfones da emissora para convocar a população a

manifestar contra o governo. “Com isso, gradativamente, vão sendo incluídas publicidades, bem como as radionovelas, esportes, radiojornalismo e canções, mudando o rumo das programações das rádios no Brasil, que tecnicamente estavam mais desenvolvidas” (AMORIM e CAMARGO, 2010, p 4).

As primeiras experiências de radiodifusão já se aproximavam do jornalismo, porque experimentavam de um caráter informativo, mesmo que o termo radiojornalismo ainda não fosse tão defendido. A maneira como Roquette passava as informações ao público era diferente da que conhecemos hoje, na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, ele lia e comentava as notícias que já haviam sido publicadas nos jornais impressos. Com a notoriedade que o radiojornalismo vinha ganhando, a população começou a demandar informações quentes e em tempo real, então a forma que Roquette utilizava para informar já não atendia as necessidades, assim

O departamento de jornalismo nas rádios brasileiras nasceu com o objetivo de levar a informação de uma maneira mais rápida e ágil aos ouvintes. Nascido em meio à crise econômica e política vivida pelo país e pelo mundo na década de 1940, o radiojornalismo no Brasil cresce com o intuito de manter a população informada sobre os acontecimentos mundiais que ocorreram na época, já que o mundo vivia em plena segunda grande guerra Mundial (GOMES E SANTOS, 2017, p.24).

Aproveitando dessa expansão, muitas empresas decidiram colocar seus investimentos nas emissoras, tornando-as profissionalizadas, capazes de gerar retorno financeiro. A partir daí, surgiram muitos jornais dentro do rádio brasileiro. São exemplos: o jornal O Globo, que assumiu controle da rádio transmissora do Rio de Janeiro em 1930 (GOMES E SANTOS, 2017, p.27); e o Repórter Esso, o noticiário de maior importância naquela época. "Nascia naquele período o radiojornalismo brasileiro com o objetivo de levar os acontecimentos interpretando a realidade nacional os âmbitos cultural, social e econômico" (GOMES E SANTOS, 2017, p. 23).

O Grande Jornal Falado Tupi também foi um rádio jornal importante. Enquanto o Repórter Esso era uma síntese noticiosa de 5 minutos, o Grande Jornal Falado Tupi consistia em um programa diário dividido em blocos por editorias (ZUCULOTO, apud KASEKER, 2013, p.4).

As produções culturais, como a música e o teatro, também fizeram parte das programações nos anos 1940 e 1950. Esse momento ficou marcado como a “era de ouro do rádio brasileiro”.

Durante os anos dourados, o rádio desenvolveu uma série de gêneros de programas como os de auditório, os humorísticos, narrações esportivas e concursos de calouros. Mas no final dos anos 50 até a década de 70, o veículo viveu sua fase mais difícil. Esvaziado em seus elencos de artistas e roteiristas, assim como abandonado pelos patrocinadores que haviam migrado para a televisão, o rádio precisou se reinventar. Alguns avanços técnicos ajudaram nesse processo, como o transistor que permitiu a portabilidade do rádio, as transmissões via satélite (1962), os gravadores portáteis e o avanço da telefonia. Esses avanços também possibilitaram um novo impulso ao radiojornalismo (KASEKER, 2013, p.5).

Como já dito, em um certo momento da história o radiojornalismo se evidenciou e os repórteres das emissoras foram para as ruas colher as informações e produzir suas próprias notícias para atender à necessidade dos ouvintes. Lá, entre os que acompanhavam as programações, estavam os filhos, os netos, os sobrinhos, enfim, as crianças que faziam parte daquele círculo social.

Nesse período da história as crianças já haviam ganhado reconhecimento e vinham sendo consideradas agentes sociais, ainda assim não se falava sobre radiojornalismo infantil. A mesma preocupação em reportar os fatos aos adultos não existia ao se tratar das crianças. No primeiro capítulo, quando entendemos o conceito de infância, conhecemos as primeiras produções midiáticas infantis, mas o rádio não esteve presente entre os formatos pioneiros, até mesmo por se tratar de uma mídia recente no cenário comunicacional. Por algum tempo as rádios só atendiam o público adulto, mas em um certo momento, mais especificamente na década de 1930, como traz Tesser (2007), as programações passaram a apresentar temas diversos, dedicadas a diferentes gêneros e idades.

As primeiras produções radiofônicas feitas para as crianças seguiam uma linha parecida com as primeiras publicações impressas, tinham a literatura como um dos principais temas. Alguns eram programas lúdicos, que preservavam a contação de histórias e a imaginação da criança, outros abriam espaço para que pudessem cantar ou declamar poesia, como uma espécie de show de talentos, como o "Pequenópolis", criado por Mary Buarque em 1932 (TESSER, 2007). O "Pequenópolis" tinha Moacyr Guimarães, de apenas sete anos de idade como apresentador.

Segundo um levantamento feito por Tesser (2007), o programa "Quarto de hora com a criança", da rádio educadora de São Paulo, foi uma das primeiras experiências de programação infantil do meio. O programa foi criado em 1926 e tinha como apresentadora "tia Brasília", batizada assim pelos ouvintes em um concurso feito pela emissora. Nesse mesmo levantamento, são apontados muitos outros programas infantis da época, entre eles: "As aventuras de Dick Peter" apresentado na Rádio Difusora em 1937, o "Hora Infantil" da

Rádio Sociedade Record de 1931 e as "matinês infantis" transmitidas pela Rádio Record em 1933.

O Quarto de Hora Infantil era a faixa de horário que a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro - primeira emissora oficial do país - destinava a crianças. Segundo a grade de programação publicada no primeiro número da revista *Eléctron*, em 1926, o programa era veiculado entre 17h45 e 18h, de segunda à sábado. Entrava em meio à programação regular vespertina, veiculada de 17h à 18h15, que contava com o *Jornal da Tarde* e um suplemento musical, antes dos 15 minutos infantis. Depois dos 15 minutos dedicados às crianças, vinham informações sobre a previsão do tempo e a cotação na bolsa de valores do algodão, do açúcar e do café, além de outras notas e notícias (RIBEIRO, 2015).

Era comum que as rádios criassem personagens para comandar os programas e chamar a atenção dos pequenos ouvintes. Tinham músicas, histórias e até concursos com direito a premiações. Além disso, alguns escritores eram hora ou outra convidados a participar. O caráter educativo era predominante, exemplo disso é o programa "Tia Justina", lançado em 1937 pela Rádio Cruzeiro do Sul, de São Paulo. Segundo Tesser (2007, p. 8) ele era "eminentemente educativo, cujo objetivo era a formação intelectual das crianças".

Parece que essa audiência segmentada que as emissoras das décadas de 1920 e 1930 buscavam, vem sendo ignorada. Está cada vez mais difícil encontrar emissoras de rádio hertzianas, que produzem programas para ou com crianças. Isso é o que diz um artigo¹⁴ publicado pela revista digital "Ponto com", feito por Adriana Ribeiro¹⁵. Segundo ela, "entre as emissoras cariocas, as Rádios MEC AM e FM e a Rádio Nacional estão entre as poucas que apresentam programas dedicados ao público infantil". Do mesmo modo que as produções são escassas, faltam pesquisas e publicações acerca desse universo. No entanto, a segmentação permanece quando se trata de web rádios.

2.2: Porque as emissoras deixaram de investir em programas de rádio para criança X outras iniciativas

De acordo com Ribeiro (2015), as emissoras começaram a deixar de lado os propósitos educativos no decorrer da década de 1930, quando os interesses comerciais ficaram

¹⁴ Disponível em: <http://revistapontocom.org.br/artigos/crianca-ainda-ouve-radio> Acesso em: 17 mai. 2019

¹⁵ Doutoranda em Educação pela PUC-Rio, mestre em Comunicação, Educação e Cultura em Periferias Urbanas pela FEBF/Uerj. Atua em produção e pesquisa sobre rádio e educação desde 2000.

mais fortes. Entreter, divertir e agradar o gosto popular para atrair audiência e ganhar lucro, passaram a ser as prioridades. Poucos educadores continuaram se dedicando a produzir conteúdo educativo para as crianças. Enquanto as emissoras focavam na produção de programas de auditório, radionovelas, show de talentos e seriados, buscavam patrocinadores e investiam em comunicadores renomados. Os programas específicos para as crianças, foram diminuindo e então “Haussen (1988), procurou sondar em sua dissertação os motivos dessa ausência de programação para crianças no rádio “(RIBEIRO, 2015, p.80) e

alguns motivos foram apresentados pelos publicitários entrevistados para justificar essa 'cautela'. Haussen destaca que "alguns consideraram que a TV é um veículo tão completo em termos de imagem, som, movimento, que preenche totalmente os sentidos da criança, não deixando espaço para o rádio, que é só som e exige maior concentração que, segundo os entrevistados, a criança desta idade não tem". Outras explicações apontam uma espécie de 'círculo vicioso' – como não há programação no rádio para crianças, elas não criam hábitos de escuta; outros ainda, consideraram que, uma vez que emissoras e agências de publicidade são movidas por dados dos institutos de pesquisa, e que esses institutos não sondam a audiência de crianças menores de 10 anos, o interesse por promover uma programação infantil não ocorre; outro argumento apresentado foi a suposta dificuldade das emissoras em inserir programas infantis em uma programação com público definido e segmentado (RIBEIRO, 2015, p.80).

O que Ribeiro (2015) chama de círculo vicioso é adequado para explicar o porquê da escassez de programas de rádio para crianças nos dias de hoje. As emissoras não investem porque não tem demanda, logo não tendo programação infantil na maioria das emissoras de rádio, as crianças não criam o hábito de ouvir rádio. O hábito faz aumentar a audiência e a audiência gera os lucros. É pensando no lucro, que muitas emissoras deixam de lado as programações infantis e investem em outros públicos e temas na hora de montar as grades, considerando a disputa por audiência.

Rodrigo Fonseca Fernandes, supervisor pedagógico da Rádio Universitária Belas Artes, desenvolveu um de seus artigos se baseando nessa problemática que envolve os programas infantis de rádio. Na obra, Fernandes diz:

No momento em que muito se discute sobre o futuro do rádio, são raros os esforços no sentido de se planejar e produzir programas de conteúdo voltado ao público infantil. O movimento de segmentação do público ouvinte de rádio praticamente decretou o fim da participação da criança nos conteúdos radiofônicos. No Brasil, as escassas produções infantis se restringem às emissoras públicas ou de caráter educativo (FERNANDES, 2016, p. 2).

Um artigo escrito por Adriana Ribeiro, doutora em Comunicação, publicado no site "Revista ponto com"¹⁶, mostra a conclusão de uma pesquisa de audiência feita no Brasil em 2003, pelo Instituto MultiFocus (especializado em consumo de mídia na infância). A pesquisa foi realizada em quatro capitais (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Curitiba), com 1500 crianças, de 6 a 11 anos. Foi constatado que 86,5% das crianças dessa faixa etária, das classes A, B e C, escutam rádio regularmente; e que quase metade delas escolhe pessoalmente as emissoras. Para Ribeiro "a ausência de uma programação destinada a esse público, no entanto, não é indício de uma ausência de relações das crianças com a mídia rádio". Ainda assim as crianças são minoria entre os ouvintes de rádio, pessoas de 24 a 54 anos, representam 58% do perfil de consumidores, segundo o "Mídia Dados Brasil 2019".

Em contrapartida, existem muitas iniciativas de "rádio escolar" que exploram as potencialidades educativas do rádio. Essas iniciativas promovem o contato das crianças com a mídia, para que ela crie hábito e tenha interesse em consumir no futuro. Algumas crianças não enxergam o rádio como um espaço de conteúdos lúdicos e que entretém, a maioria delas se entretém por meio de serviços de streaming e conteúdo da TV, porque esses produtos lhes são ofertados com mais facilidade. Considerando que a internet é uma rede onde pais ou responsáveis acessam para buscar conteúdos para seus filhos, seria um bom espaço para iniciar o contato deles com o sonoro, através de podcasts por exemplo. Fernandes chama de "cultura do ouvir" esse hábito que pode ser construído ao longo dos anos.

Apresentar a diversidade de conteúdos que o rádio possibilita, é dar a oportunidade para a criança ter autonomia na hora de escolher que tipo de mídia consumir, é oferecer novos caminhos de aprendizagem, uma vez que as crianças de hoje serão os adultos consumidores de amanhã.

Também em contraponto a escassez, existem projetos que trabalham o rádio com crianças, sem nenhum vínculo com emissoras conhecidas e sem a intenção única de lucrar. Ribeiro (2015) reafirma isso ao dizer que "as raras produções infanto-juvenis radiofônicas das últimas décadas foram experimentadas, fundamentalmente, em emissoras sem fins lucrativos" como as rádios educativas fundadas por algumas universidades.

O projeto de extensão "Pequenos ouvintes"¹⁷ do curso de Jornalismo da UFOP, é responsável hoje por desenvolver um programa de rádio para o público infantil: o "Curiá". Voltado para o desenvolvimento da oralidade infantil, o projeto produz e veicula no site e nas

¹⁶ Disponível em : <http://revistapontocom.org.br/artigos/crianca-ainda-ouve-radio>. Acesso em 10 set. 2019.

¹⁷ Disponível em: <https://sujeitosdesuashistoriasblog.wordpress.com/curia/> .Acesso em: 26 mai. 2019

redes sociais uma programação radiofônica para crianças de Mariana e Ouro Preto. Em duas temporadas o "Curiá" tratou de assuntos relacionados aos animais e a natureza. A proposta para as outras temporadas é trazer parlendas, trava línguas, canções e contação de histórias.

A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) desenvolve um programa semelhante: o "Serelepe: uma pitada de música infantil"¹⁸. Também voltado para as crianças o programa de rádio foi idealizado por alunos do curso de Graduação em Teatro da Escola de Belas Artes da universidade em 2005 e é transmitido pela Rádio UFMG Educativa 104,5 FM, aos sábados e domingos de 9h às 9h30. "Os objetivos do Serelepe são: incentivar a reflexão sobre a produção artística para crianças; estudar e recriar jogos tradicionais com alunos da graduação, ministrar oficinas, montar espetáculos cênicos musicais, produzir um livro-CD-DVD, promover encontros, rodas de conversas, oficinas com artistas nacionais e internacionais sobre música e infância" e outros, como consta no site, oriundo do programa.

A rádio MEC Rio, antiga Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, é uma das poucas emissoras que investem em programação infantil nos dias de hoje. O programa conhecido como "Rádio animada", que vai ao ar todo sábado às 9 da manhã, é só uma das atrações destinadas ao público infantil que compõem a grade de programação da emissora¹⁹. Mais uma vez, a contação de histórias, as músicas e a participação de especialistas fazem parte da montagem desses programas.

"Perguntar e Pensar", também vai ao ar aos sábados pela rádio Mec. Diferentemente dos programas que trazem contos e assuntos fantasiosos, "Perguntar e Pensar" se aproxima de temas reais, como a relação entre pais e filhos, profissões, sentimentos, controle das emoções e situações do cotidiano. No histórico da emissora constam muitos outros programas infantis além de "Rádio animada" e "Perguntar e pensar", ao longo dos anos alguns programas chegaram ao fim e deram lugar a outros. Antes desses dois programas citados, aos sábados ia ao ar o "Estação brincadeira", uma faixa infantil da rádio MEC criada em agosto de 2011. Segundo os organizadores, a faixa saiu do ar em julho de 2016 por "falta de verba e crise política" (BAUMWORCEL, 2017, p.9).

Percebe-se que muitas das produções radiofônicas para o público infantil são resultantes de projetos desenvolvidos pelas universidades. O meio acadêmico, como espaço de pesquisa e reflexão, tem voltado seus estudos para esse assunto e procurado trabalhar cada vez mais com a plataforma e investir em entretenimento e radiojornalismo para crianças.

¹⁸ Disponível em: <https://programaserelepe.blogspot.com/> . Acesso em: 29 mai. 2019.

¹⁹ Disponível em: <http://radios.ebc.com.br/radioanimada> Acesso em: 26 mai. 2019.

Algumas escolas também vêm usando o instrumento dentro das salas de aula em atividades extraclasse para fins pedagógicos. As emissoras que se dedicam a produzir conteúdo infantil, sejam elas públicas ou privadas, de universidades ou não, em maioria são educativas. Isso quer dizer que algumas produções de rádio voltadas para crianças tem um caráter predominantemente educativo.

2.3: Porquê investir no radiojornalismo para criança?

Diante do surgimento de novas tecnologias é normal que haja uma transição, e isso vem acontecendo. O velho pode dar espaço ao novo ou pode ser que o novo se alie ao velho. Como isso acontece? Digamos que os novos meios de comunicação se unem aos meios tradicionais produzindo novas formas de consumo, como explica Santaella (apud WEIGELT E PARMEGGIANI, 2014). O rádio também tem sofrido essa transição e a internet é a principal responsável. “Desde as últimas décadas do século XX, a experiência radiofônica ganhou novos contornos, englobando um nível comunitário nas emissoras quase personalizadas na internet, nas quais cada ouvinte tem o poder de fazer escolhas e decidir o que deseja ouvir” (WEIGELT e PARMEGGIANI, 2014, p. 1). "O aparelho de rádio analógico, embora ainda seja o mais usado para sintonizar emissoras, deixou de ser a exclusiva forma de o ouvinte acessar a programação. E as tecnologias digitais vieram para agregar mais possibilidade ao ouvir rádio" (AZEVEDO E MADEIRO, 2017, p.4). Mudam-se os meios, as formas de consumo e

ainda que muitos acreditem que o rádio se apagou diante das novidades tecnológicas, como a televisão e a internet, ele tem buscado no uso de modernos equipamentos e técnicas a reestruturação em seu modo de operação, proporcionando maior qualidade do som que chega até as pessoas e garantindo seu merecido lugar no mundo das comunicações. Seu valor simbólico como companheiro de todas as horas não se perdeu no tempo, pelo contrário: por se tratar de um instrumento de baixo custo, pequeno porte e programações diversificadas, o receptor de rádio exerce grande incidência na vida diária das pessoas, podendo circular de modo ágil em todos os ambientes (AMORIM E CAMARGO, 2010, p.10).

Desde sua criação, o rádio passou por inúmeras transformações, mas não exclui o fato de ser considerado uma das maiores invenções tecnológicas. Diante das transformações, o rádio tem buscado se adaptar para continuar informando muitas pessoas em todo o mundo. Hoje existem emissoras na internet, serviços de streaming, rádio nos carros, nos smartphones,

computadores, nos canais de TV a cabo e pessoas de todas as idades que consomem essas mídias, mesmo que por influência de outros.

Algumas crianças não conhecem o rádio senão como um pequeno aparelho que emite som e as que conhecem certamente tiveram influência dos pais ou outros adultos que costumam ouvir rádio em casa pelo aparelho convencional, no carro ou em dispositivos móveis. Por outro lado, essas mesmas crianças conhecem o Youtube, a Netflix e outros serviços de streaming audiovisuais como as palmas de suas mãos. Muitos pais pagam serviços de streaming como a Netflix com a justificativa de que assim podem filtrar o conteúdo que as crianças assistem, uma vez que elas estão cada vez mais expostas a qualquer tipo de conteúdo online. No caso do YouTube, já existe uma versão "kids" disponível no aplicativo e muitas pessoas já utilizam.

O rádio é uma alternativa barata e acessível, além de ser um dispositivo que proporciona a escuta, estimula a imaginação e não faz aquele bombardeio de informação como é comum em outros formatos. Já a internet oferece uma vasta quantidade de conteúdo, é um meio facilitador de informação, por outro lado ela tem um caráter democrático, cabe a nós selecionar os conteúdos de melhor qualidade. Quando falamos de crianças, mesmo que estas já tenham um certo domínio sobre tablets, celulares e outros dispositivos móveis, é dever dos pais ou de outro responsável ofertar as melhores opções e não as que acreditam ser mais "fáceis".

Com a popularização da internet, não dá mais pra dizer que o rádio é um veículo ultrapassado e que não possui boas opções para crianças, basta se inteirar sobre os novos formatos e escolher os melhores conteúdos. Mudaram-se as formas de escolher conteúdo e ouvir rádio (AZEVEDO E MADEIRO, 2017, p.18) e entre as novas possibilidades está a opção de ouvir som on demand, ou seja, a qualquer momento e qualquer lugar.

Ouvir rádio é simples, basta acessar o site de alguma emissora ou um aplicativo de rádio em algum celular com acesso à internet. É prática, não exige que o ouvinte pause todas as suas obrigações para se dedicar somente a ouvi-la, o que é ótimo quando falamos de criança que podem ser inquietas ou hiperativas de não dependem de assinaturas caríssimas.

Além do fácil acesso, do conteúdo sob demanda e da praticidade, rádio pode ser uma boa opção para despertar nas crianças o interesse por música e pelos sons, já que elas estão cada vez mais adeptas ao audiovisual. É uma maneira de estimular os sentidos que são pouco ou nada exercitados por outros formatos, como a escuta e a fala, já que de acordo com Delavechia (2012, p. 24) "o rádio é o meio de comunicação que mais desenvolve a oralidade e

que possui maior semelhança com a linguagem cotidiana". Possibilita trabalhar com os efeitos sonoros, com a musicalidade, com o lúdico e com a imaginação. O que se aprende na infância pode influenciar muitas coisas em outras fases, pois

é durante a infância que os sujeitos mais desenvolvem suas habilidades básicas cognitivas e motoras necessárias à vida. É nesse período também que estruturamos a linguagem e compreendemos as "regras" que permitem a vida em comum. Por isso é tão importante o acesso à cultura, à educação e à saúde de qualidade, sobretudo nos primeiros anos. A formação que se tem na infância têm impactos diretos no futuro jovem/adulto.(PEREIRA et al.,2010, p.151).

Reforçamos aqui o motivo pelo qual investir em rádio para crianças, o viés pedagógico que a mídia tem e como ela pode se aplicar nas salas de aula. Tanto nas escolas como dentro de casa, promover o contato da criança com o rádio é importante para formar futuros cidadãos críticos, desenvolver habilidades e criar um hábito que contribuiu para as percepções sobre o mundo.

Com essa mídia na escola, os estudantes podem fazer uso da rádio não só para criar momentos de entretenimento e lazer na hora do recreio, tocando músicas ou dizendo recadinhos aos colegas. A rádio na escola deve ir além disso, construindo propostas da cidadania engajando os alunos em projetos de colaboração para a melhoria das relações entre as pessoas que discutam questões ligadas a construção do projeto de vida, sexualidade, saúde, meio ambiente, ao combate à todas formas de discriminação e preconceito, entre outros (DELAVECHIA, 2012, p.32).

As emissoras que investem nesse segmento estão colaborando para que isso se sustente e formando potenciais novos ouvintes, já que a comunicação tende a se reestruturar para acompanhar as inovações tecnológicas e as mudanças sociais. Investir na produção de conteúdos sonoros para crianças é contribuir para questões pedagógicas, é colocar em prática as potencialidades educativas e oferecer aspectos fundamentais para o desenvolvimento.

2.4 Rádio Expandido

Muitos autores defendem que a história do rádio no Brasil é marcada por fases, Ferraretto (2012) as divide da seguinte forma: fase de implantação, do final da década de 1910 até a segunda metade dos anos 1930, fase de difusão, do início da década de 1930 até a segunda metade dos anos 1960; fase de segmentação, do final da década de 1950 até o início do século 21; e fase de convergência, de meados da década de 1990 até a atualidade. Na

primeira fase como o nome sugere, o rádio estava sendo implantado, mantendo seu primeiro contato com a população e entrando aos poucos nos lares das famílias. Na fase da difusão o as programações se estruturaram, já se falava em publicidade e patrocínios, as emissoras de rádio iam se moldando como negócio comunicacional. A terceira fase, marca a crise que o rádio viveu com a chegada da TV.

De 1950, quando a televisão é introduzida no país, através da TV Tupi-Difusora, de São Paulo, até a segunda metade da década de 1960, momento em que este novo meio passa a dominar a captação de verbas publicitárias, altera-se significativamente a conformação do rádio brasileiro. De fato, as emissoras enfrentam uma crise que não envolve apenas redução de audiência e faturamento. Perde o espetáculo para todos – as novelas, os humorísticos e os programas de auditório –, que, acrescido de imagem, migra para a televisão. Esta, por sua vez, impõe ao ambiente comunicacional uma nova forma de relacionamento com os bens culturais massivos (FERRARETTO, 2012, p.13).

A TV entra em cena na década de 50 com muitas novidades, o que poderia comprometer o desenvolvimento, a audiência e conseqüentemente o faturamento do rádio. “Acreditava-se que o rádio iria acabar, já que o novo veículo que nascia, além do som, tinha também imagem” (PRATA, 2008, P.1). Então porque Ferraretto chama a terceira fase de segmentação? é que para passar por cima da crise “o meio vê surgir um novo protagonista: o comunicador também a simular uma relação próxima, em uma conversa constante – e imaginária – com o ouvinte, um bate-papo mais exclusivo ainda a partir da disseminação dos receptores transistorizados”. As emissoras de rádio começaram a segmentar suas programações e experimentar novos formatos com o intuito de conquistar potenciais ouvintes.

A quarta e atual fase, a da convergência tem total relação com o surgimento das novas tecnologias, com a consolidação da telefonia celular, e principalmente com a chegada da internet, que a princípio foi vista como uma ameaça ao rádio e aos poucos foi se aliando. “Um novo debate toma conta dos profissionais da radiofonia e do meio acadêmico: a internet vai engolir o rádio? Os novos e modernos formatos em áudio podem ser definidos como rádio? Os novos gêneros de rádio que surgem na web vão acabar com o modelo tradicional que todos nós conhecemos? Mídias como rádio, TV e jornal terão existência apenas no computador em um futuro próximo?” (PRATA, 2008, p.1).

Outra vez o rádio precisou encontrar novos caminhos e criar novas estratégias para se sustentar, assim como fez quando a TV surgiu, “desta vez com uma nova linguagem, novos signos textuais e imagéticos, novo suporte, novas formas de interação e a presença de gêneros reconfigurados, alguns do velho modo hertziano e outros novos nascidos das modernas

tecnologias” (PRATA, 2008, p.2). O rádio se expandiu e tem se configurado de múltiplas formas nos dias atuais. Como já mencionado, além de poder escutar rádio por meio das ondas hertzianas, hoje o encontramos em diversas plataformas digitais e dispositivos.

O conceito de rádio expandido foi desenvolvido pelo pesquisador da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) Marcelo Kischinhevsky. O autor apresenta esse conceito no livro “Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. O conceito abrange o estado de convergência entre o meio tradicional e as novas tecnologias, além de permitir uma série de outras análises, como: a reinvenção da linguagem, as novas formas de interação, o novo perfil de ouvintes, os novos meios de conquistar audiência e outros aspectos relacionados. Tudo muda, para se adaptar as novas plataformas. Dentre as possibilidades, o rádio expandido permite “o compartilhamento de arquivos digitais de áudio como uma simultânea estratégia de distribuição e de circulação, assim como de afirmação de identidades individuais e de pertencimento a coletividades” (VIANA, 2017, p.10).

O spotify é um aplicativo que se encaixa nos pré-requisitos de uma plataforma de rádio expandido. Trata-se de um serviço de streaming para ouvir músicas online ou offline (a depender do tipo de assinatura) disponível para baixar e instalar no computador e Smartphones. Para acessar o usuário precisa criar um login e uma senha, como para entrar nas redes sociais, e adquirir um dos planos ofertados: free, Unlimited ou premium. Após efetuar o login, o usuário se depara com um vasto repertório musical, separado por gêneros, “músicas mais ouvidas”, e outros segmentos.

Por meio dessa plataforma o usuário tem acesso ao podcast. O podcast é uma recente mídia de transmissão de informação parecida com um programa de rádio, que pode ser consumida sob demanda por meio de plataformas online ou aplicativos. Nas palavras de Luiz e Assis (2009, p.2) “podcasts são programas de áudio, cuja principal característica é o formato de distribuição”. “A expressão “podcasting” vem da junção do prefixo “pod”, oriundo de iPod com o sufixo “casting”, vindo da expressão inglesa broadcasting, transmissão pública e massiva de informações que, quando feita através de ondas eletromagnéticas de rádio, também pode ser chamado de radiodifusão (LUIZ E ASSIS, 2009, p.2).

O primeiro podcast feito no Brasil foi o “Digital Minds5”, de Danilo Medeiros, segundo Silva (apud LUIZ E ASSIS, 2009, p.3), “o programa surgiu a partir do blog homônimo”. Desde então, a mídia tem feito sucesso entre pessoas de diferentes nichos,

abordando os mais variados temas. Seja você amante de futebol, artes, cultura, ficção ou entretenimento, certamente irá encontrar um podcast sobre o assunto.

Segundo Santos et al. (2016, p.3) o Spotify foi desenvolvido em 2006, lançado no ano de 2008 pela Spotify AB, mas só chegou ao Brasil em maio de 2014, possui cerca de 75 milhões de usuários ativos, sendo sete milhões de brasileiros e “possui uma infinidade de funcionalidades como a opção de salvar álbuns, artistas, músicas e playlists para escutar posteriormente, seguir e ser seguido por outros usuários e o serviço de busca da plataforma”. O Deezer e o Rdio também são aplicativos que ofertam serviço de streaming de áudio.

Mais que ouvir músicas onde e como quiser, o usuário pode personalizar suas próprias listas de reprodução, o serviço oferece a ferramenta “rádio”, que “permite escutar tanto música de um gênero musical quanto combinar os demais estilos. O aplicativo pode ser ajustado de acordo com as preferências do utilizador” (ARAÚJO E OLIVEIRA, 2014, p.13). Ao analisar o serviço de streaming, Araujo e Oliveira, fazem algumas conclusões sobre as transformações no modo de ouvir música, que cabem também quando falamos de rádio:

É fato de que as pessoas sempre consumiram música, independente de qual equipamento ou meio. Mas o que ocorre na cultura contemporânea é o desafio de criar um novo hábito, entretanto, convenhamos que cada pessoa tem o seu tempo e o processo de adaptação também. Porém, o diferencial do streaming é que ele oferece diversas possibilidades. Uma delas é o contato com o público, já que o sistema também atua como uma rede social. Assim, os usuários podem compartilhar seleções de músicas com seus amigos, fazer busca por gêneros e taggings (ARAÚJO E OLIVEIRA, 2014, p. 9).

Se trocarmos a palavra “música” por “rádio” nas conclusões de Araújo e Oliveira, estaríamos mais uma vez afirmando os pontos principais desse tópico: a expansão do rádio, as novas formas de consumo, os desafios e os novos hábitos.

Uma webrádio, também é um exemplo de como o rádio se expandiu e foi parar na internet, nesse formato os programas são transmitidos em tempo real, também por streaming. Prata considera webrádio, “as emissoras radiofônicas que podem ser acessadas por meio de uma URL (Uniform Resource Locator), um endereço na internet e não mais por uma frequência sintonizada no dial de um aparelho receptor de ondas hertzianas”. As webrádios surgiram antes mesmo do serviço de streaming “spotify”. Elas compreendem um dos primeiros passos dados pelas emissoras frente ao avanço tecnológico, que criaram suas páginas na internet para ficarem mais próximas dos consumidores. Aos poucos essas emissoras começaram a realizar transmissões online.

Prata (2008, p.4) contextualiza o surgimento da webrádio e afirma que no Brasil, somente a partir de 1998 é que foram criadas emissoras de rádio com existência apenas na internet, sendo a Rádio Totem a primeira delas, que entrou em funcionamento dia 5 de outubro de 1998. Com o site na rede as emissoras podem atrair mais ouvintes, garantir mais divulgação, alcançar mais audiência, interagir e explorar outros sentidos, já que o rádio hertziano ganha novos elementos textuais e imagéticos na internet. Essa tem sido uma estratégia de algumas rádios tradicionais para acompanhar o avanço tecnológico e usar dos recursos disponíveis. Ter uma webrádio não depende de autorização do governo, portanto é mais flexível que manter uma rádio analógica.

Mesmo diante de toda essa convergência entre o rádio e a multiplicidade de canais de difusão da informação sonora, Meditsch (apud CHAGAS, 2017, p.13) diz que o fazer jornalístico não pode se perder e as funções do rádio devem ser preservadas: “Independente da plataforma em que está inserido, o meio deve estar conectado com as suas especificidades, seus fluxos sonoros e as diversas relações socioculturais estabelecidas a partir do que é transmitido”. Com isso o autor reforça o papel social e educativo do jornalismo que consequentemente, respinga em suas produções e veículos.

2.5 Podcasts infantis e a técnica da contação de história

Assim como o viés educativo, a contação de histórias tem forte presença nos produtos infantis. As narrativas têm o poder de prender a atenção do público, com a criança não seria diferente. Ela seduz pela riqueza de detalhes, encanta, permite a auto identificação, estimula a imaginação e no raciocínio, ajuda na percepção das situações cotidianas, dos sentimentos e das emoções, amplia o conhecimento, estimula a curiosidade e o interesse pela leitura. Contar histórias para crianças, auxilia na fase de desenvolvimento de muitas formas. Para Cardoso e Faria (2016, p.3), “os contadores de histórias são os mediadores desse processo, tendo uma tarefa muito importante que é de envolver a criança na história, dando vida aos sonhos, o despertar das emoções, transportando para o mundo da fantasia”.

Com todos os benefícios que a contação de histórias traz para a criança, a atividade vem sendo usada como ferramenta de trabalho nas escolas, tendo o professor como mediador, mas como afirma Cardoso e Faria (2016, p.4): "a oralidade está presente em todo momento" em casa, na rua, na interação com os amigos, "melhorando a comunicação e expressão dos

pequenos". Atualmente a contação de história tem sido usada nos podcasts, tanto para adultos, quanto para crianças.

É preciso levar em consideração alguns aspectos para montar as narrativas a serem trabalhadas com crianças, como a linguagem e a faixa etária. Segundo Coelho (apud CARDOSO E FARIA, 2016, p.7) cada criança tem uma necessidade e “os interesses de cada faixa etária é que determina a escolha dos tipos de histórias”. Ainda segundo os autores, “a fase pré-mágica vai até os três anos de idade, onde o enredo deve ser simples, com ritmo e repetições e conter situações próximas à vida afetiva, social e doméstica da criança. Dos três aos seis anos, na fase mágica, deve prevalecer o encanto e as crianças solicitam a repetição constante da mesma história”.

O ato de contar uma história é muito natural e praticamos desde pequenos, mas a técnica tem sido usada como estratégia de comunicação. Quando falamos sobre contação de história para crianças, logo imaginamos a leitura de ninar feita pelos pais ou a atividade lúdica nas salas de aula. A técnica de contação de história que propomos analisar aqui é a empregada nos produtos radiofônicos, sobretudo nos podcasts.

O podcast “Histórias de Ninar para garotas Rebeldes” é desenvolvido para crianças e usa a técnica da contação de histórias. O podcast é inspirado no best-seller de mesmo nome, escrito pelas autoras italianas Elena Favilli e Francesca Cavallo que reúne histórias de mulheres fortes e inspiradoras, como Frida Kahlo e Margaret Hamilton. Cada episódio ilustra a trajetória de vida e carreira de uma dessas mulheres. O “Maritaca” é outro podcast feito para crianças que diferente do anterior, narra histórias inventadas sobre animais, natureza, comida, monstros e mescla esse conteúdo com músicas, brincadeiras e dicas de livros.

O “Podventura”, também feito para crianças, é mais um exemplo de podcast que usa como recurso a contação de história. Desenvolvido pelo escritor Fernando Rodrigues, o podcast traz releituras de histórias já conhecidas na atualidade. A primeira história contada pelo Podventura, intitulada como ‘Três irmãos em perigo num mundo cruel’, narra as aventuras de três irmãos porquinhos que precisaram fugir de casa para não virar comida do dono da fazenda onde moravam.

Ao observar os podcasts infantis disponíveis no Spotify, percebemos que grande parte das produções focam nas curiosidades, em temas fictícios, contos de fadas, histórias de príncipes, princesas e animais. Poucos trazem temas relacionados ao jornalismo, à arte, à cultura, à história. Mas os exemplos mencionados acima vão contra essa realidade.

O número de ouvintes de podcast tem crescido, é o que mostra uma pesquisa feita pelo Ibope e divulgada pela revista Piauí, em maio de 2019. Nela, consta que “no Brasil, dos cerca de 120 milhões de internautas, 40% já ouviram podcast – são 50 milhões de pessoas que já escutaram algum programa de áudio pela internet”. Acompanhando as produções para crianças, vemos que elas não ficam de fora desse novo universo.

CAPÍTULO 3

PROJETO EDITORIAL

O projeto editorial aqui descrito é o documento que apresenta as características e o conteúdo do produto a ser desenvolvido: o podcast “Contos de Mariana”. O projeto detalha o que foi feito, funcionando também como um planejamento pré-produção. Montar um projeto editorial é importante para ilustrar melhor a proposta e dar consistência à elaboração do produto.

“Contos de Mariana” é um podcast com oito episódios, baseado na história da cidade mineira Mariana, que surge como uma alternativa ao principal problema apontado nesse trabalho: a falta de produtos radiofônicos para o público infantil. O produto é uma iniciativa independente, sem ligação com emissoras de rádio e nenhum financiamento. O intuito é que os podcasts sejam fontes de informação para as crianças, além de mídia de entretenimento.

O podcast aborda desde o surgimento da cidade até a divisão administrativa do município por meio da contação de histórias, com uma linguagem e tom apropriados às crianças, principalmente moradoras da cidade e região. O tema foi escolhido como uma forma de aproximar a criança da cultura e da história do lugar onde vive, além de fugir de temas tradicionais, quando a criança é o público. A produção foi pensada para um público com faixa etária entre oito e doze anos.

Como já mencionado, Mariana é considerada a primeira vila e primeira capital de Minas Gerais e tem sua história marcada pelo ciclo do ouro, pela religiosidade, pela arquitetura colonial barroca e outros aspectos. Até hoje a cidade guarda riquezas que remetem moradores e turistas ao tempo do Brasil Colônia. A região, antes conhecida como arraial de Nossa Senhora do Carmo, por estar localizada às margens do pequeno Ribeirão do Carmo, foi elevada a cidade em 1745 e recebeu o nome de Mariana como uma homenagem feita pelo rei lusitano D. João V à sua esposa, rainha Maria Ana D’Austria. Por esse motivo, o podcast recebe o nome de “Contos de Mariana”, remetendo ao nome da cidade e ao mesmo tempo o nome da rainha.

A série foi dividida em oito episódios e cada um aborda um tema relacionado à cidade. O primeiro, conhecido como episódio “piloto”, conta como a cidade surgiu e como recebeu o nome Mariana. O segundo episódio conta sobre a “religiosidade”, apresenta as principais igrejas e cita padres e bispos que passaram por Mariana. No terceiro episódio, a rainha continua falando sobre figuras religiosas importantes, mas dessa vez dentro do tema

"educação". Alguns padres e bispos foram fundamentais para a construção de escolas na cidade e, nesse aspecto, episódios 2 e 3 se complementam. O episódio 4 fala sobre "poesia". Alphonsus de Guimaraens e Cláudio Manuel da Costa são poetas que aparecem como personagens desse episódio. "Música" é o tema do episódio 5, que traz detalhes sobre o museu da música fundado em Mariana, além de contar um pouco sobre as bandas de rua e os festivais de música. O episódio 6 conta sobre o "futebol" na cidade e, para tal, menciona os dois principais times da cidade: Guarany e Marianense. No sétimo episódio, a rainha fala sobre as características da "arquitetura" colonial, marcante na cidade, e o episódio 8 traz a divisão administrava da cidade e explica um pouco sobre cada um dos "dez distritos".

A rainha Maria'Ana é quem narra os oito episódios da série, estabelecendo uma identidade entre cada um deles. Em cada episódio, surgem personagens que foram importantes para a história de Mariana, dentro de cada tema abordado, conforme demonstrado no quadro abaixo:

Quadro 1 – Personagens por episódio

Episódio	Nome	Duração	Personagens
1	Piloto O surgimento da cidade e a descoberta do ouro	6'14''	Coronel Salvador Fernandes Furtado; Rainha Maria Ana; Rei Dom João.
2	As igrejas e a religiosidade	7'26''	Bispo Dom Frei Manuel; Padre Avelar; Rainha Maria Ana; Rei Dom João.
3	As primeiras escolas	6'56''	Bispo Dom Frei Manuel; Dom Viçoso; Irmã Freira; Padre Avelar, Rainha Maria Ana.
4	Poesia	7'59''	Alphonsus de Guimaraes; Cláudio Manoel da Costa; Rainha Maria Ana.
5	Música	6'22''	Adelaide; Dom Oscar de Oliveira; Gomes Freire de Andrade; Rainha Maria Ana.
6	A história do futebol em Mariana	6'	Emílio Ibrahim; Rainha Maria Ana.
7	A arquitetura: o desenho da cidade	7'57''	Aleijadinho; Gomes Freire de Andrade; José Fernandes; Rainha Maria Ana.

8	Os dez distritos	8'24"	Alphonsus de Guimaraens; Cláudio Manoel da Costa; Coronel; Pedro Aleixo; Rainha Maria Ana.
---	------------------	-------	--

Fonte: elaboração própria

Porque podcast? Para promover o contato de crianças com mídias sonoras, com o rádio e com a escuta. O podcast é uma mídia bastante acessível que proporciona esse contato. A criança, assim como o adulto, é curiosa, por vezes até mais. Tem necessidade de entender o que acontece à sua volta, quer saber sobre o mundo, desde "porque o céu é azul?" até "de onde vem os bebês?" e para algumas perguntas os adultos não sabem como dar as respostas. Os pais e outros responsáveis, no entanto, podem recorrer a diversas mídias para ajudar na educação dos pequenos, o que não pode é deixá-los sem respostas. O "Contos de Mariana" surge então com o desejo de trabalhar com história, informação e curiosidades por meio da mídia podcast.

A ideia foi mesclar a técnica da contação de história com os recursos da sonoplastia, como por exemplo efeitos sonoros. Os efeitos sonoros são recursos capazes de aguçar os sentidos dos ouvintes, usados para contextualizar, reforçar o realismo e criar uma paisagem sonora. "Em áudio, a Paisagem Sonora é uma composição sonoplástica em que os elementos constituintes da sonoridade são selecionados e associados para compor um ambiente acústico para a palavra falada" (JOSÉ E SERGL, 2017, p.15). No caso do rádio, o recurso é ainda mais importante, porque pela ausência de imagens são os elementos sonoros que ilustram o ambiente da narrativa e dão o tom das cenas

Além dos efeitos sonoros, músicas e trilhas sonoras também são elementos usados no rádio. Como afirmam José e Sergl (2017, p.8): "a linguagem radiofônica é derivada de apropriações e misturas realizadas no interior dos códigos sonoros e verbais, por isso, é possível afirmar que a natureza da Radiofonia se define através dos efeitos produzidos por toda e qualquer vibração que atinge o órgão da audição". E a Sonoplastia, ainda segundo os autores, "pode ser entendida como o conjunto de elementos sonoros disponíveis para a composição da Paisagem Sonora; esse conjunto de elementos equivale-se a qualquer outro conjunto de sinais que, originariamente, são dotados da capacidade de funcionar como suporte material" (JOSÉ E SERGL, 2017, p.8).

"Contos de Mariana" traz a proposta principal por meio da contação de história e ainda usa músicas e efeitos. O podcast tem uma vinheta de abertura, que ajuda a garantir a

identidade sonora e um episódio complementa o outro. Os efeitos foram empregados para aguçar a imaginação das crianças e ilustrar o ambiente em que se passam as cenas. A expressão oral da narradora (Rainha) e dos personagens foi trabalhada para que fosse imersiva e característica.

Para montar os roteiros dos podcasts foi preciso conhecer o tema: a história de Mariana. Nessa etapa o principal foi coletar as principais curiosidades e dados que fossem interessantes incluir na narrativa, dentro dos temas selecionados.

A edição foi planejada paralela à produção dos roteiros. A ideia de iniciar cada um dos oito episódios da série com efeitos sonoros e não com a vinheta de abertura, como é mais comum, buscava inserir o ouvinte dentro da cena desde o primeiro segundo.

Por fim, disponibilizar esse tipo de mídia também é mais fácil, considerando que o material pode ser veiculado em diferentes plataformas. A origem dos podcasts é recente e o uso da mídia ainda está em “desenvolvimento”, porém é um conteúdo que conta com várias vantagens. Além do fácil acesso e distribuição, o conteúdo é acessado por demanda e pode ser armazenado até mesmo em dispositivos móveis. Pensando nisso a ideia é distribuir o produto em redes sociais e fazer parcerias com as escolas da cidade para apresentar os podcasts.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que a propagação do podcast esteja em constante crescimento, quando se trata do público infantil vimos que os temas escolhidos para tratar de assuntos para criança muitas vezes não tem caráter jornalístico. O “Contos de Mariana” é uma alternativa a essa situação. A proposta, desde o início, foi amenizar a escassez de produtos sonoros jornalísticos e informativos feitos para crianças.

A pesquisa rendeu a produção de oito episódios que traz história e conhecimento para crianças e, também, para adultos que não sabiam como Mariana surgiu. Como já mencionado, o assunto tem uma forte relevância para a cidade, para o estado e até mesmo para o Brasil. Além da pertinência do tema, o produto torna-se mais um objeto de estudo, aliado aos livros e outros formatos.

Os efeitos sonoros e as músicas foram empregados da forma como foi proposto. Esses recursos construíram ambientes sonoros fundamentais para a narrativa, capazes de fazer com que o ouvinte sinta como se estivesse presenciando a história durante os episódios. Cada trilha sonora usada expressa uma diferente sensação, como: suspense, tristeza e euforia. Já os efeitos sonoros como a cachoeira, o trem, os sinos, a torcida e outros elementos que fizeram parte da narrativa foram usados para ilustrar os ambientes.

Os objetivos específicos apontados no início desse memorial foram cumpridos. Como pretendíamos, reunimos depoimentos sobre a história do município, trouxemos curiosidades sobre pontos turísticos e sobre personalidades importantes, usamos os efeitos e recursos para estimular a imaginação e, durante todo processo, trabalhamos pensando na importância das crianças dentro da sociedade.

Contemplar a cidade na qual vivemos durante os quatro anos da universidade, realizando algum trabalho que possa contribuir com a informação dos seus moradores, é uma forma de retribuição. Esse também era o intuito quando começamos a produzir esse trabalho. Agora, de alguma forma, essa vontade se concretizou e esperamos que esse trabalho contribua para o conhecimento de muitas pessoas, sejam elas moradoras de Mariana, da região dos Inconfidentes ou de qualquer outro lugar do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINI, Angelo. **As aventuras de Nhô Quim e Zé Caipora: os primeiros quadrinhos brasileiros**. Athos Eichler Cardoso (org.). Senado Federal, 2002.

AMORIM, Daniela Oliveira Albertin de; CAMARGO, Eduardo. Algumas Considerações sobre a História do Rádio no Brasil. Interprogramas de Mestrado Faculdade Casper Líbero, São Paulo, n. 6, p.1-11, nov. 2010.

AZAMBUJA, Cíntia Neves. **Jornalismo Educativo: da teoria à prática na TV universitária. Dissertação**. Universidade Estácio de Sá. Rio de Janeiro. 2008.

CALDEIRA, Laura Bianca. **O conceito de infância no decorrer da história**. Disponível em:http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/Pedagogia/o_conceito_de_infancia_no_decorrer_da_historia. 2010.

CARDOSO, Ana Lúcia Sanches; FARIA, Moacir Alves de. **A Contação de Histórias no Desenvolvimento da Educação Infantil**. 2016

DO NASCIMENTO, Cláudia Terra; BRANCHER, Vantoir Roberto; DE OLIVEIRA, Valeska Fortes. **A construção social do conceito de infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas**. Revista Contexto & Educação, v. 23, n. 79, 2008.

FERNANDES, Rodrigo Fonseca. Brincando com sons: os programas infantis de rádio como experiência da cultura do ouvir. Revista Rádio-Leituras, Mariana-MG, v. 07, n. 01, p. 108-125, jan./jun, 2016.

FERRARETTO, Luiz Artur. Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil. Eptic (UFS), v. XXIV, p.1-24, 2012.

FERREIRA, Mayra Fernanda. **Jornalismo infantil: por uma prática educativa**. Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação- Intercom, V. 7, 2007.

FREIRE, Ana Catarina Chagas; MASSARANI, Luisa Medeiros. **Suplementos Infantis de Jornais Impressos como Espaços de Educação Não- formal em Ciências: Estudo de caso**. Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. Florianópolis. 2009.

FURTADO, T. H. A história do Jornalismo Infantil no Brasil. In: **Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, 12., 2014, Santa Cruz do Sul. Unisc, 2014. Disponível em: <https://docplayer.com.br/22363476-A-historia-do-jornalismo-infantil-no-brasil.html>. Acesso em 28 jun. 2019.

GOMES, Adriano Lopes; SANTOS, Emanuel Leonardo dos. **O radiojornalismo em tempos de internet**. 2017.

JOSÉ, Carmen Lucia; SERGL, Marcos Júlio. **Paisagem sonora**. In: Anais dos XVII Congresso da Anppom. 2007.

KASEKER, Mônica Panis. **O Radiojornalismo e a Construção dos Imaginários.** II Encontro Internacional sobre Imaginários Sonoros. Curitiba. 2013.

MATOS, Sara; ESTRÁZULAS, Jimi Aislan. **O Jornalismo Educativo como gênero de Jornalismo Especializado.**XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte. Manaus. 2013.

OLIVEIRA, Cristiano Nascimento; ARAÚJO, Leonardo Trindade. **Novas experiências de consumo musical em serviços de streaming: uma análise das dinâmicas do aplicativo Spotify.** Congresso Internacional Comunicação e Consumo. São Paulo. 2014

PEREIRA, Eugênio Tadeu et al. **Música e infância no rádio: o programa Serelepe na Rádio UFMG - Educativa.** 2010.

RIBEIRO, Adriana. **A criança em situação de escuta: uma aproximação à audiência infantil de rádio.** Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2015.

RIBEIRO, Adriana. **Criança ainda ouve rádio?** Revista ponto com. 2012. Disponível em: <http://revistapontocom.org.br/artigos/crianca-ainda-ouve-radio>. Acesso em: 3 jul. 2019.

RIBEIRO, Gabriela Lima. **Uma breve análise do programa infantil Castelo Rá-tim-bum.** XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM) – Curitiba Paraná, 2009.

SANTOS, Bluesvi; MACEDO, Wendell; BRAGA, Vitor. **O streaming de música como um estímulo para a ampliação do consumo musical: um estudo do Spotify.**XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo. 2016.

SARTORI, Ademilde. **Educomunicação e sua relação com a escola: a promoção de ecossistemas comunicativos e a aprendizagem distraída.** Comunicação Mídia e Consumo, v. 7, n. 19. 2010.

TESSER, Tereza Cristina. **Programas dedicados às mulheres e às crianças marcam os primeiros vinte anos do Rádio, nas emissoras do Rio de Janeiro e São Paulo.**V Congresso Nacional de História da Mídia. São Paulo. 2007.

TROIS, Sonia et al. **Criança e Jornalismo: Aplicativo Jornalístico Online.** Universidade Federal de Santa Maria, Depto. de Artes Visuais. Florianópolis. 2010.

VARÃO, Rafiza; BEMFICA, Veronica. **Quando jornalismo e infância se encontram: notas históricas sobre o surgimento da imprensa jornalística para crianças.** Anais do VII Encontro Nacional de História da Mídia. Fortaleza. Alcar, 2009.

VIANA, Luana. **Das ondas sonoras à web: Um panorama conceitual e histórico sobre a expansão radiofônica no Brasil.** In: Anais do IX Encontro dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação Social de Minas Gerais (ECOMIG). Belo Horizonte: Ecomig, v. 1, p. 1-18, 2017.

Apêndices

Piloto

“O surgimento da cidade e a descoberta do ouro”		
		Tempo: 6'14”
<p>Sons e efeitos</p> <hr/> <p>Efeito sonoro trotar de cavalos (ilustrando a chegada dos bandeirantes)</p> <p>BG</p>		<p>Locução</p> <hr/> <p>Rainha: Consegue ouvir esse barulho?// Foi assim que os bandeirantes chegaram às margens do Ribeirão do Carmo,/ montados em seus cavalos,/ prontos para desbravar terras novas.//</p> <p>Rainha: você nem sabe do que estou falando não é mesmo?// Deixe eu me apresentar primeiro:/ sou rainha Maria Ana D'Austria,/ esposa de Dom João V. e hoje vou te contar a história da cidadezinha mineira Mariana.// Você já se perguntou como surgiu esta cidade?//</p>

<p>Vinheta</p> <p>BG</p> <p>Efeitos sonoros cavalos</p> <p>Efeito sonoro ribeirão</p>		<p>Rainha: vamos começar outra vez!// Como eu disse,/ os bandeirantes paulistas chegaram em terras mineiras montados em seus cavalos.// O Coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça era o líder que comandava os outros homens.//</p> <p>Coronel: Vamos homens!// Vamos!//</p> <p>Rainha: Num certo dia,/ resolveram parar no arraial de Nossa Senhora do Carmo para descansar da longa viagem.// Lá perto,/ havia um pequeno ribeirão chamado Ribeirão do Carmo.//</p> <p>Rainha: em 16 de julho de 1696 os Bandeirantes descobriram que o arraial era rico em ouro.// Por isso,/ nesta data comemora-se o aniversário da cidade.//</p> <p>Coronel: Corram,/ venham ver!// Encontrei uma mina de Ouro.//</p>
---	--	---

<p>Efeito sonoro ferramenta/ extração de ouro</p> <p>BG</p> <p>Sobe e desce BG</p> <p>Sobe e desce BG</p> <p>Sobe e desce BG</p>		<p>Rainha: parte do ouro extraído do arraial era enviado para Portugal,/ que nessa época tinha um rei chamado Dom João V.//</p> <p>Rainha: Em 1745,/ o arraial de Nossa Senhora do Carmo passou a ser chamado Mariana.// Foi meu marido,/ o rei Dom João V,/ quem escolheu o nome em minha homenagem.//</p> <p>Dom João: Eu,/ Dom João V,/ rei de Portugal,/ concedo a essas terras o nome Mariana em homenagem a minha amada esposa.//</p> <p>Rainha: Mariana foi a primeira cidade de Minas Gerais e a primeira capital.// Demais,/ né?// Em 2019,/ Mariana completou 323 anos.// Era um pequeno arraial e hoje mais de 50 mil pessoas moram lá.// É muuuuita gente!//</p>
--	--	--

<p>Efeito sonoro trem</p> <p>Muda o BG</p>		<p>Rainha: Muitos turistas viajam de longe para conhecer a história da cidade e ver de perto as igrejas,/ as ruas de pedra,/ os casarões históricos,/ as Cachoeiras,/ o Jardim,/ o trem.//</p> <p>Rainha: A mineração marca o início da história de Mariana e por muito tempo foi a principal atividade que dava emprego aos moradores.// Mas em 2015 aconteceu uma tragédia na cidade e desde então a mineração não é tão forte mais.// No dia 05 de novembro daquele ano,/ uma barragem estourou e causou um estrago gigante para Bento Rodrigues,/ distrito de Mariana.//</p> <p>Rainha: Uma barragem é como uma lagoa bem grande,/ só que cheia de lama e resto de minérios.// Toda a lama atingiu as casas de muitas famílias,/ os animais do lugar,/ as árvores.// Até hoje o lugar não é mais o mesmo.//</p>
--	--	--

Vinheta de encerramento		<p>Rainha: Agora você já sabe como a cidade surgiu.// Mas a história não termina aqui!// Ainda tem muita descoberta legal e muitos personagens legais.//</p> <p>Rainha: Isso mesmo!// ao longo desta série alguns personagens importantes para a história da cidade vão aparecer por aqui e em cada episódio vou falar sobre um assunto diferente:/ música,/ esporte,/ poesia,/ religião...//</p> <p>Rainha: E por falar em religião.../ a cidade tem muitas igrejas.// Tem a igreja de Nossa senhora do Carmo,/ a de São Francisco de Assis,/ a do Rosário e uma das mais importantes,/ a Igreja da Sé.//</p> <p>Rainha: Mas calma!// se você ficou curioso para saber mais sobre elas e não quer perder nada da história,/ já pula logo para o próximo episódio.//</p>
-------------------------	--	--

		<p>Créditos: Esse podcast foi feito para crianças curiosas que gostam de histórias reais sobre pessoas reais.// Produzido por Iris Ventura na Universidade Federal de Ouro Preto,/ como trabalho de conclusão de curso de Jornalismo em 2019.// O roteiro e a edição deste podcast foram feitos por Iris Ventura sob orientação de Luana Viana.//</p> <p>Participaram deste episódio: Julia de Melo Arantes como Rainha Maria Ana,/ Marcelo Sena como Coronel e Alex Sander como o Rei Dom João.//</p>
--	--	---

Roteiro 2

“As igrejas e a religiosidade”		
		Tempo: 7'26”
Sons e efeitos		Locução
<hr/> <p>Efeito sonoro sinos</p> <p>(ilustrando o tema principal deste episódio)</p>		<hr/> <p>Rainha: Oi,/ eu sou Rainha Maria Ana D’Austria e estou aqui outra vez.// Ainda lembra de mim,/ não é?// Lá no primeiro episódio,/ você aprendeu sobre o surgimento da cidade Mariana e,/ agora,/ como prometido,/ vou falar sobre as igrejas e a religiosidade.//</p> <p>Rainha: Quando Mariana ainda era um arraial,/ existiam apenas duas capelas.// Uma foi construída em homenagem a Nossa Senhora da Conceição,/ a outra em homenagem a Virgem do Carmo.//</p>
vinheta		

Efeitos sinos	<p>Rainha: Em 1704,/ Dom João V ordenou que fosse construída uma igreja maior,/ porque aquelas pequenas capelas não eram mais suficientes para a população que surgia ali.</p> <p>Dom João V: Mariana já não é mais um pequeno arraial,/ precisa de mais reconhecimento.// Vamos então construir uma matriz que irá se chamar Nossa Senhora de Assunção.//</p> <p>Rainha: O tempo passou e,/ em 1745,/ o rei Dom João V autorizou que a matriz fosse chamada de catedral,/ que é a igreja mais importante da cidade.//</p> <p>Rainha: A catedral precisava de um bispo para celebrar as missas e cuidar da igreja.// Então,/ o bispo Dom Frei Manoel da Cruz saiu do Maranhão,/ lá no Nordeste,/ para morar em Mariana.//</p>
---------------	---

<p>Efeitos barco e cavalos para ilustrar a viagem de Dom Frei.</p> <p>Sobe e desce BG</p>	<p>Dom Frei: Eu viajei durante um ano e três meses para chegar até Mariana.// Velejei de barco,/ andei a cavalo e algumas vezes até a pé.// A viagem foi longa,/ mas a igreja precisava de mim.//</p> <p>Rainha: Pra você entender tudinho,/ vou te explicar o que é um bispo:// é um homem que estuda para falar de Deus e ensinar boas coisas.// Assim como o padre,/ o bispo veste batina,/ celebra missas,/ reza pelo povo e cuida da igreja.//</p> <p>Rainha: Depois de Dom Frei Manoel da Cruz,/ já passaram por Mariana: Dom Joaquim,/ Dom Bartolomeu,/ Dom Luciano,/ Dom Geraldo e muitos outros.// Em 2019,/ o bispo da cidade é Dom Airton José dos Santos.//</p>
<p>Sobe e desce BG</p>	

<p>Efeito sonoro flash</p> <p>Sobe e desce BG</p>	<p>Rainha: Hoje,/ a catedral de Nossa Senhora de Assunção,/ aquela que meu marido mandou construir,/ é conhecida como igreja da Sé.// Fica localizada bem no centro da cidade,/ na praça da Sé.//</p> <p>Rainha: Outras duas igrejas bem conhecidas em Mariana são a igreja de Nossa Senhora do Carmo e a igreja de São Francisco de Assis.// As duas ficam na praça Minas gerais,/ uma ao lado da outra.// São igrejas grandes,/ com muitos detalhes e peças de ouro.//</p> <p>Rainha: Todos que visitam a cidade querem tirar fotografias para guardar como registro.//</p> <p>Rainha: A igreja de São Francisco de Assis começou a ser construída em 1763.// Dentro dela tem vários desenhos e pinturas na parede.// Esses desenhos foram feitos pelo artista Aleijadinho e pelo pintor Manuel da Costa Athayde.//</p>
---	---

Sobe e desce BG	<p>Rainha : A igreja de Nossa Senhora do Carmo foi construída depois,/ em 1784.// A cidade tem mais de 10 igrejas.// A maioria dos moradores são católicos e bastante religiosos.// As festas são tradição da cidade.//</p> <p>Rainha: Nelas acontecem homenagem aos santos,/ os moradores enfeitam as ruas,/ colocam balões,/ tapetes,/ tem procissão,/ barraquinhas com comidas e bebidas,/ fogos e muita música.//</p> <p>Rainha: Outra figura religiosa bastante conhecida em Mariana é o Padre Avelar.//</p> <p>Padre Avelar: Nasci na cidade de Lagoa Santa,/ em 28 de agosto de 1898.// Fui morar na França em 1922.// Mais de 20 anos depois,/ fui convidado a dar aulas no seminário da Boa Morte,/ em Mariana.//</p>
-----------------	--

Sobe e desce BG	<p>Rainha: O seminário foi construído em 1750 por Dom Frei Manoel da Cruz,/ lembram dele,/ não é?// O primeiro bispo da cidade.//</p> <p>Bispo: Eu,/ Dom Frei Manoel da Cruz,/ queria que os pais não precisassem mandar seus filhos para estudar no Rio de Janeiro.// Então fundei o seminário da Boa Morte.//</p>
Sobe e desce BG	<p>Rainha: Um tempo depois,/ o seminário foi dividido em dois.// O Seminário Menor,/ que continuaria a se chamar Nossa Senhora da Boa Morte,/ e o Seminário Maior,/ que se chamaria São José.//</p> <p>Rainha: Em 1954,/ padre Avelar recebeu o convite para ser diretor de uma escola.// Os marianenses que não tinham como pagar estudavam lá.//</p>
Sobe e desce BG	

Vinheta de encerramento	<p>Rainha: Percebemos que o bispo,/ o Padre Avelar e outros religiosos daquela época se preocupavam com a educação das pessoas.// Eles ajudaram a construir prédios importantes para a cidade,/ onde hoje funcionam escolas e faculdades,/ porque eles se preocupavam muito com a educação das pessoas.// Por esse motivo muitas escolas levam seus nomes.//</p> <p>Rainha: Ah!// Educação é o tema do nosso próximo episódio,/ não deixe de ouvir!</p> <p>Créditos: Esse podcast foi feito para crianças curiosas que gostam de histórias reais sobre pessoas reais.// Produzido por Iris Ventura na Universidade Federal de Ouro Preto,/ como trabalho de conclusão de curso de Jornalismo em 2019.// O roteiro e a edição deste podcast foram feitos por Iris Ventura sob orientação de Luana Viana.//</p>
-------------------------	--

		<p>Participaram deste episódio: Julia de Melo Arantes como Rainha Maria Ana,/ Alex Sander como o Rei Dom João,/ Ivan Vilela como o Bispo Dom Frei Manuel e Renato Henrique como o padre Avelar.//</p>
--	--	---

Roteiro 3

“educação” - Narrado pela rainha Maria Ana		
		Tempo:
<p>Sons e efeitos</p> <hr/> <p>Efeito sonoro giz na lousa (ilustrando o tema principal deste episódio)</p> <p>vinheta</p>		<p>Locução</p> <hr/> <p>Rainha: Oi,/ sentiu minha falta?// Voltei!//</p> <p>Se você ouviu o segundo episódio,/ já sabe bastante sobre as igrejas de Mariana.// E agora vai aprender mais sobre educação,/ saber como surgiram as primeiras escolas e outras instituições de ensino.//</p> <p>Rainha: Como eu contei no episódio anterior,/ foram os bispos e os padres que deram início a construção das escolas na cidade,/ porque eles se preocupavam muito com a educação das pessoas.// Por esse motivo,/ muitas escolas levam seus nomes.//</p>

Sobe e desce BG		<p>Rainha: Parece bastante com minha história,/ né?// Lembra que a cidade recebeu o nome Mariana porque meu marido,/ o rei Dom João V,/ quis me homenagear?//</p> <p>Rainha: Mariana tem mais de 40 escolas,/ entre públicas e privadas.// Tem a escola estadual Dom Silvério,/ a escola municipal Dom Oscar de Oliveira,/ o colégio municipal Padre Avelar,/ a escola estadual doutor Gomes Freire e muitas outras.//</p> <p>Rainha: O seminário da Boa morte foi a primeira escola da cidade.// No episódio anterior você me ouviu falar um pouco dele.// Foi o bispo Dom Frei Manoel da cruz que teve a ideia de construí-lo.//</p> <p>Dom frei Manoel da Cruz: construí para que os pais não precisassem mais mandar seus filhos para estudar no Rio de Janeiro,/ nem outros lugares longe de casa.//</p>
-----------------	--	---

Sobe e desce BG		<p>Os professores eram os padres,/ inclusive o padre Avelar.// No seminário só estudavam homens que podiam pagar,/ foi aí que dom Oscar de Oliveira resolveu construir uma escola com o meu nome,/ para que as pessoas mais pobres também fossem educadas.//</p> <p>Rainha: A escola construída por Dom Oscar de Oliveira em homenagem ao Bispo Dom frei Manoel da Cruz ficava localizada em um prédio pequeno,/ onde hoje funciona a escola Dom Benevides.//</p> <p>Rainha: Muitos estudantes começaram a aparecer,/ a escola precisava de um espaço maior.// Então Padre Avelar,/ mais uma vez,/ se preocupou com a comunidade que não tinha como estudar.//</p> <p>Padre Avelar: Comprei um terreno maior,/ na principal avenida da cidade.// Dois andares foram construídos e aí mais pessoas puderam estudar.//</p>
-----------------	--	---

Sobe e desce BG		<p>Rainha: Onde era o seminário da Boa Morte,/ hoje funciona o instituto de Ciências humanas e Sociais,/ que abriga os cursos de graduação de História,/ Letras e Pedagogia.// E onde funcionava a escola estadual Dom Frei Manuel da Cruz,/ hoje é o Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas,/ que abriga os cursos de Administração,/ Ciências Econômicas,/ Jornalismo e Serviço Social.//</p> <p>Rainha: São prédios da Universidade Federal de Ouro Preto e existem pessoas de todo canto do mundo estudando nesses lugares.//</p>
Sobe e desce BG		<p>Rainha: Até 1850,/ só homens podiam estudar no seminário.// O bispo da época,/ Dom Viçoso,/ ficou incomodado com isso e decidiu que as mulheres também precisavam estudar.// Aí surgiu o colégio providência.//</p>

<p>Sobe e desce BG</p>		<p>Rainha: O colégio Providência fica no centro da cidade,/ bem próximo a praça Minas Gerais.// Em 2020,/ comemora 170 anos de sua fundação.//</p> <p>Rainha: A cidade tem outros prédios antigos,/ por isso a história não termina aqui.// Outro exemplo é a Academia Marianense de Letras,/ fundada pelo professor e jornalista Waldemar de Moura Santos,/ em 28 de outubro de 1962.//</p> <p>Rainha: O lugar é dedicado a preservar a cultura,/ a educação,/ a ciência,/ a literatura,/ a arte e as memórias de pessoas importantes,/ como Cláudio Manoel da Costa e Alphonsus Guimaraens.//</p> <p>Rainha: Ah!// Esses dois personagens têm muita coisa em comum,/ foram escritores e poetas bem conhecidos na cidade.// Eu te convido a saber mais sobre eles no nosso próximo episódio sobre poesia e literatura.//</p> <p>Vamos lá!</p>
------------------------	--	--

Vinheta de encerramento		<p>Créditos: Esse podcast foi feito para crianças curiosas que gostam de histórias reais sobre pessoas reais.// Produzido por Iris Ventura na Universidade Federal de Ouro Preto,/ como trabalho de conclusão de curso de Jornalismo em 2019.// O roteiro e a edição deste podcast foram feitos por Iris Ventura sob orientação de Luana Viana.//</p> <p>Participaram deste episódio: Julia de Melo Arantes como Rainha Maria Ana,/ Ivan Vilela como o Bispo Dom Frei Manuel,/ Renato Henrique como padre Avelar,/ Victor Fagundes como Dom Viçoso e Adrienne Pedrosa como a irmã Freira.//</p>
-------------------------	--	--

<p>Sobe e desce BG</p> <p>Vinheta</p> <p>Sobe e desce BG</p>		<p>Rainha: oi!// Chegamos ao nosso episódio número quatro.// E esse é cheio de encanto,/ arte e leveza,/ porque vou falar sobre literatura e poesia.//</p> <p>Rainha: Muitos escritores e poetas nasceram ou viveram em Mariana,/ então seus livros,/ poemas e poesias fazem parte da história da cidade.// Venha comigo conhecer alguns deles.//</p> <p>Rainha: A poesia que você ouviu nesse episódio foi escrita por Cláudio Manoel da Costa.// Ele nasceu em mariana em 1729 e foi um dos poetas mais conhecidos na cidade.//</p> <p>Cláudio Manoel da Costa: Vivi toda minha infância correndo as ladeiras de Mariana,/ mas quando jovem me mudei para Portugal.// Queria me tornar advogado e estudei para isso.// Já formado,/ voltei para as terras mineiras.//</p>
--	--	---

Sobe e desce BG		<p>Rainha: Cláudio começou a trabalhar como advogado em Ouro preto,/ que naquela época se chamava Vila Rica.// Mas para fugir da correria e descansar a cabeça ele escrevia poesias sobre a natureza,/ a vida e o amor.//</p> <p>Rainha: Outro poeta famoso na cidade é Alphonsus de Guimarães.// Em Mariana,/ existe um museu que leva seu nome.// Lá estão guardadas poesias,/ livros,/ fotos,/ cartas e outros objetos que fazem lembrar o poeta.//</p> <p>Alphonsus de Guimaraens: Eu nasci em Ouro Preto no dia 24 de julho de 1870,/ estudei para ser advogado em São Paulo e logo fui viver em Mariana com minha esposa Zenaide de meus filhos.//</p> <p>Alphonsus: Eu trabalhava como juiz,/ mas gostava mesmo era de escrever poesias e por isso fiquei tão conhecido na cidade,/ em Minas Gerais e em todo o Brasil.//</p>
-----------------	--	--

Sobe e desce BG		<p>Rainha: Geralmente,/ escritores e poetas escrevem sobre a própria vida,/ contando sobre suas experiências vividas.// Com Alphonsus de Guimaraens não era diferente.//</p> <p>Rainha: Quando ele era criança se apaixonou por uma prima,/ os dois cresceram e chegaram a ficar noivos.// Mas a menina morreu antes de completar 18 anos.// Isso marcou a vida de Alphonsus,/ ele chorou,/ ficou muito triste,/ sofreu e resolveu escrever poesias para a amada.//</p> <p>Alphonsus: eu fui apaixonado por prima Constança,/ filha do tio Bernardo Guimarães,/ para ela eu escrevi muitos dos meus versos,/ inclusive estes que vou ler agora:/ Ismália!//</p>
-----------------	--	--

<p>Sobe e desce BG</p>		<p>Quando Ismália enlouqueceu,/</p> <p>Pôs-se na torre a sonhar...//</p> <p>Viu uma lua no céu,/</p> <p>Viu outra lua no mar.//</p> <p>No sonho em que se perdeu,/</p> <p>Banhou-se toda em luar...//</p> <p>Queria subir ao céu,/</p> <p>Queria descer ao mar...//</p> <p>E,/ no desvario seu,/</p> <p>Na torre pôs-se a cantar...//</p> <p>Estava perto do céu,/</p> <p>Estava longe do mar...//</p> <p>E como um anjo pendeu/</p> <p>As asas para voar...//</p> <p>Queria a lua do céu,/</p> <p>Queria a lua do mar... //</p> <p>As asas que Deus lhe deu/</p> <p>Ruflaram de par em par...//</p> <p>Sua alma subiu ao céu,/</p> <p>Seu corpo desceu ao mar...//</p>
------------------------	--	---

Sobe e desce BG		<p>Rainha: A casa Alphonsus de Guimarães construída em Mariana está localizada no centro da cidade.// Hoje muita gente vai lá para estudar,/ saber mais sobre o poeta ou apenas passear.//</p> <p>Alphonsus de Guimaraens foi uma referência para muitos poetas da cidade.</p> <p>Rainha: O jornalista e escritor Fernando Morais também nasceu em Mariana e ficou conhecido em todo país.// Ele trabalhou por muito tempo em jornais e revistas,/ até que decidiu largar tudo e escrever seus livros.//</p> <p>Rainha: Fernando escreveu diversos deles.// Olga e Chatô são dois dos mais famosos.// O primeiro conta a história da jovem Olga que viveu em meio a guerra e o nazismo.// O segundo é uma biografia da vida de Assis Chateaubriand,/ empresário dos meios de comunicação.// As duas histórias até viraram filmes.//</p>
Sobe e desce BG		

<p>Sobe e desce</p>		<p>Rainha: Escrever livros,/ poemas e poesias é uma forma de arte,/ que precisa ser preservada e passada de geração em geração.//</p> <p>Rainha: A Academia Marianense de Letras homenageia esses grandes escritores e suas obras.// Foi fundada em Mariana pelo professor e jornalista Waldemar de Moura Santos em 28 de outubro de 1962.//</p> <p>Rainha: Depois de Waldemar,/ o professor e advogado Roque Camello foi presidente da academia Marianense de Letras.// Em 2019,/ a presidente era a professora Hebe Maria Rola Santos.// A academia está localizada na rua Frei Durão,/ número 84.//</p> <p>Rainha: Outro lugar bastante conhecido e cheio de histórias,/ é o museu da música de Mariana.// Construído pelo terceiro bispo de Mariana,/ Dom Oscar de Oliveira.//</p>
---------------------	--	--

Vinheta de encerramento	<p>Rainha: Quer saber onde fica o museu,/ o que ele guarda e quando foi construído?// No próximo episódio eu vou falar sobre ele.//</p> <p>Créditos: Esse podcast foi feito para crianças curiosas que gostam de histórias reais sobre pessoas reais.// Produzido por Iris Ventura na Universidade Federal de Ouro Preto,/ como trabalho de conclusão de curso de Jornalismo em 2019.// O roteiro e a edição deste podcast foram feitos por Iris Ventura sob orientação de Luana Viana.//</p> <p>Participaram deste episódio: Julia de Melo Arantes como Rainha Maria Ana,/ Thiago Pb como Alphonsus de Guimaraes e Uriel Silva como Cláudio Manoel da Costa.//</p>
-------------------------	---

Roteiro 5

"Música"		
		Tempo: 6'22"
<p>Sons e efeitos</p> <hr/> <p>BG para ilustrar o tema deste episódio</p>		<p>Locução</p> <hr/> <p>Rainha: Música...// é sempre bom ouvir,/ não é?// Rock,/ pop,/ sertanejo,/ axé,/ música clássica,/ são vários estilos para agradar a todos os gostos.//</p> <p>A música vai ganhar a cena nesse episódio,/ porque é preciso falar dela para continuar contando a história da cidade.//</p> <p>Você já aprendeu tanta coisa e aqui vai conhecer o museu que guarda muitas memórias musicais e ouvir sobre as bandas e os festivais.// Vai ser demais!//</p>
Vinheta		

Sobe e desce BG		<p>Rainha: Em Mariana existe o “Museu da Música”.// Ele foi construído em 1963 por Dom Oscar de Oliveira,/ que vai contar tudo sobre seu funcionamento.//</p> <p>Dom Oscar: o museu funciona onde era a casa dos bispos,/ lá estão guardados instrumentos,/ fotos,/ documentos e coleções bem antigas de músicas brasileiras.// Mesmo sendo criado em 1963,/ só foi aberto um ano depois,/ porque durante esse tempo eu e alguns músicos da cidade organizamos todo o acervo.//</p> <p>Rainha: A música esteve presente em muitos momentos na história de Mariana e eu não posso deixar de falar das bandas musicais da cidade.//</p> <p>Rainha: No século XIX,/ a maioria das vilas e arraiais mineiros possuíam a sua própria Banda de Música.// Nessa época,/ os religiosos ou grandes fazendeiros comandavam as bandas.//</p>
-----------------	--	---

<p>Sobe e desce BG</p>		<p>Rainha: Mas quando aconteceu a proclamação da república e o Brasil deixou de ser governado por um rei,/ novas bandas começaram a surgir.//</p> <p>Rainha: A ideia era que elas se apresentassem nos eventos políticos da Cidade,/ como ocorreu.//</p> <p>Uma delas é a Sociedade Musical União 15 de Novembro,/ que foi criada em Mariana por Gomes Freire de Andrade em 1901.// Gomes Freire era médico,/ professor e integrante da política.//</p> <p>Gomes Freire: Eu reuni os poucos músicos que tinham na cidade naquela época,/ no dia 15 de novembro de 1901,/ e dei a ideia de criarmos uma banda musical.// Aos poucos ela foi crescendo e participando cada vez mais dos eventos políticos e religiosos de Mariana.//</p>
------------------------	--	---

<p>Sobe e desce BG</p> <p>Efeito sonoro banda de rua</p> <p>Sobe e desce BG</p>		<p>Rainha: Anos mais tarde,/ surge a Banda São José,/ rival da banda União.// Reza a lenda que durante as passeatas,/ festas na igreja,/ ou quando a cidade resolvia homenagear alguém,/ as bandas disputavam uma de frente para a outra.//</p> <p>A União existe há mais de 100 anos e até hoje se apresenta na cidade.//</p> <p>Rainha: No início,/ só homens podiam participar.// As mulheres só podiam ajudar organizando as apresentações e na confecção de uniformes.// As pessoas achavam que as mulheres não eram capazes de tocar instrumentos como os homens.//</p> <p>Acho que eles tinham se esquecido que a cidade tem o nome Mariana em homenagem a uma mulher.//</p>
---	--	---

<p>Efeito cavaquinho (ilustrando os festivais de música)</p>		<p>Rainha: Além das bandas,/ tem os festivais de músicas que fazem parte da história de Mariana.// O mais recente é o festival Canta Mariana,/ realizado todo ano desde 2017.// Nesse festival,/ os artistas locais apresentam suas canções reunindo pessoas de todos os cantos.//</p> <p>Já vimos que a cidade é rica em ouro,/ bastante religiosa,/ poética e também musical.// Mas se você acha que parou por aqui,/ está enganado.// O futebol também faz parte da história que conto para vocês.// Prova disso é o próximo episódio,/ não perca!//</p>
<p>Vinheta de encerramento</p>		<p>Créditos: Esse podcast foi feito para crianças curiosas que gostam de histórias reais sobre pessoas reais.// Produzido por Iris Ventura na Universidade Federal de Ouro Preto,/ como trabalho de conclusão de curso de Jornalismo em 2019.// O roteiro e a edição deste podcast foram feitos por Iris Ventura sob orientação de Luana Viana.//</p>

		<p>Participaram deste episódio: Julia de Melo Arantes como Rainha Maria Ana, / Matheus Queiroz como Gomes Freire de Andrade, / Ingrid Achiver como Adelaide e Pedro Sampaio como Dom Oscar de Oliveira. //</p>
--	--	--

Roteiro 6

“A história do futebol em Mariana”		
		Tempo: 6’
<p>Sons e efeitos</p> <hr/> <p>Efeito sonoro apito (ilustrando o tema principal deste episódio)</p>		<p>Locução</p> <hr/> <p>Rainha: Você conhece o Guarany Esporte Clube?// E o Marianense Futebol Clube?//</p> <p>Certamente o pai,/ a mãe,/ o tio,/ avó,/ avô ou algum adulto próximo a você já tenha ouvido falar.//</p> <p>O Guarany e o Marianense são dois times de futebol de Mariana.// Como esse esporte faz parte da história da cidade,/ vou contar um pouco sobre ele pra você.//</p>
Vinheta		

<p>Sobe e desce BG</p>	<p>Rainha: O Marianense foi fundado em junho de 1912,/ por Gomes Freire,/ o mesmo que fundou a banda União 15 de Novembro,/ lembra?// Este foi o primeiro time da cidade.// Mais de 10 anos depois,/ em julho de 1925,/ surgiu o Guarany Futebol Clube,/ fundado pelo político Celso Arinos Motta.//</p> <p>Rainha: Os dois são considerados os principais times de Mariana e já se enfrentaram em muitos campeonatos organizados pela liga esportiva da cidade,/ fundada em 1966.//</p> <p>Rainha: Muitos dizem que a primeira disputa entre os dois times aconteceu em 1938,/ mas não há um registro fiel desse acontecimento.//Era festa para os marianenses quando os dois times jogavam,/ porque a cidade tinha poucos eventos.//</p>
------------------------	---

<p>Sobe e desce BG</p>		<p>Rainha: O estádio do Guarany se chama Emílio Ibrahim,/ em homenagem ao seu ex-jogador.//</p> <p>Emílio: Comecei a jogar futebol no Guarany aos 13 anos.// Me destaquei como atacante do time,/ e isso me levou pra mais longe./ Em 1948,/ o Fluminense do Rio Janeiro me contratou,/ mas nunca esqueci das minhas raízes.//</p> <p>Rainha: A maior conquista do Marianense foi o troféu Januário Carneiro da Copa Itatiaia,/ de 1983.// Já o Guarany se consagrou campeão na tarde de 10 de setembro de 1944,/ vencendo por 4 a 1 o Marianense.// Naquele dia,/ aconteceu algo curioso:/ o troféu foi roubado antes do apito final.// Emílio Ibrahim ainda era jogador do Guarany nessa época e fez parte da disputa.//</p>
------------------------	--	---

<p>Efeito sonoro suspense</p>		<p>Emílio: Eu era o capitão do time nesse dia.// Me lembro bem da felicidade da torcida e do curioso roubo da taça.// Presenciei outros jogos marcantes,/ até que aos 23 anos,/ deixei de jogar futebol para seguir a carreira de engenheiro.//</p>
<p>Sobe e desce BG</p>		<p>Rainha: A sede do Guarany fica próxima ao Jardim.// Lá,/ estão guardados troféus conquistados pelo time em competições,/ fotos dos ex jogadores,/ documentos e outros registros.//</p> <p>O Marianense também tem uma sede,/ também localizada próxima ao Jardim da cidade,/ na rua Gomes Freire,/ número 152.//</p>
<p>Sobe e desce BG</p>		<p>Rainha: Os torcedores levavam muito a sério as competições,/ faziam gritos de guerra,/ se vestiam com as camisas dos times.// Esse amor passou por várias gerações.//</p>

Vinheta de encerramento	<p>Rainha: O futebol é valorizado e preservado em Mariana,/ assim como a cultura,/ a música,/ a poesia e outras características de uma cidade histórica.//</p> <p>Rainha: A arquitetura,/ por exemplo,/ é um patrimônio e rende muitos elogios.// Por isso,/ dediquei um episódio todinho para esse tema.// O próximo episódio é sobre arquitetura.// Não perca!//</p> <p>Créditos: Esse podcast foi feito para crianças curiosas que gostam de histórias reais sobre pessoas reais.// Produzido por Iris Ventura na Universidade Federal de Ouro Preto,/ como trabalho de conclusão de curso de Jornalismo em 2019.// O roteiro e a edição deste podcast foram feitos por Iris Ventura sob orientação de Luana Viana.//</p>
-------------------------	---

		Participaram deste episódio: Julia de Melo Arantes como Rainha Maria Ana e Vinícius Ferreira como Emílio Ibrahim.//
--	--	---

Roteiro 7

"A arquitetura: o desenho da cidade"		
		Tempo:7'57"
Sons e efeitos		Locução
<hr/> Música instrumental		<hr/> <p>Rainha: Muita gente conhece Mariana pelas suas ruas de pedra,/ pelos seus casarões históricos,/ pelas montanhas ao redor da cidade,/ pelas ladeiras e igrejas...// E tudo isso forma a sua arquitetura urbana.//</p> <p>Rainha: A arquitetura é o desenho da cidade e o conjunto de objetos que formam o ambiente.// E,/ pensando por esse lado,/ tudo que eu mencionei são mesmo marcas da cidade.//</p> <p>Mas não é só isso.// Mariana tem uma arquitetura linda e é considerada a primeira cidade planejada do estado de Minas Gerais e uma das primeiras do Brasil.// Esse é o tema desse episódio.//</p>

Vinheta		<p>Rainha: Lá no início,/ quando eu,/ o rei e os outros homens chegamos na cidade,/ o chão era de terra,/ havia muitas árvores e nenhuma construção.// Mas mesmo assim resolvemos ficar.// Então,/ começaram a aparecer mais pessoas,/ o bispo chegou na cidade e Mariana começou a crescer...// Aquela história que já te contei lá nos primeiros episódios.//</p>
Sobe e desce BG		<p>Rainha: As igrejas começaram a ser construídas,/ a Cidade estava ficando movimentada.// Com tudo isso acontecendo,/ Mariana estava precisando passar por uma reforma.//</p> <p>Rainha: O arquiteto português José Fernandes Pinto Alpoim colocou a mão na massa,/ ou melhor,/ no lápis e papel,/ e desenhou uma nova cidade.// Ele melhorou as ruas imaginando onde ficaria cada detalhezinho e planejou o espaço.//</p>

<p>Sobe e desce BG</p>		<p>José Fernandes: Eu nasci em Portugal,/ no dia 14 de julho de 1700.// Fui militar por muito tempo,/ mas me destaquei entre os arquitetos do século XVIII.// Fui para Mariana a convite do rei Dom João V.// Foi eu quem desenhou também o arco da Lapa,/ um lugar bem bonito e conhecido lá no Rio de Janeiro.//</p> <p>Rainha: O centro histórico de Mariana até hoje é praticamente do jeitinho que o arquiteto desenhou.// Claro que a cidade continua crescendo,/ novas casas são construídas,/ alguma coisinha sempre muda.// Mas a marca da Cidade ainda são as suas casinhas antigas,/ coloridas,/ com portas e janelas de madeira.// Casarões com varandas e,/ nelas,/ muitas flores.//</p> <p>Rainha: As ruas não são mais de terra, são de pedra.// Com poucos prédios,/ o centro de Mariana é como um cenário de filme e lembra mesmo uma cidade de interior.//</p>
------------------------	--	---

<p>Sobe e desce BG</p>		<p>Gomes Freire: O lugar tem esse nome em homenagem a mim,/ Doutor Gomes Freire de Andrade.// Eu era médico,/ professor e figura importante na política de Mariana.// Afinal,/ lembra que fundei a Banda União 15 de Novembro e o Marianense Futebol Clube?//</p> <p>Rainha: A terceira praça é a Minas Gerais.// Lá ficam a igreja de Nossa Senhora do Carmo,/ a igreja de São Francisco de Assis,/ a câmara da cidade e o Pelourinho,/ onde eram castigados os escravos antigamente.//</p> <p>Rainha: Na região central,/ estão a maioria das casas históricas e também a rua mais famosa,/ conhecida como rua direita.// Ela também foi projetada pelo arquiteto José Fernandes.//</p>
------------------------	--	--

Sobe e desce BG		<p>José Fernandes: Os casarões da rua direita são elegantes,/ bem parecidos com as casas dos reis e rainhas de Portugal do século 18.//</p> <p>Rainha: Outro elemento da arquitetura que marca a história da cidade é a Ponte Alphonsus de Guimarães,/ uma ponte de madeira que liga o Centro ao bairro Rosário.// É a primeira ponte de tábuas de Minas Gerais.// Muitas igrejas também foram desenhadas por arquitetos,/ por isso são tão bonitas por dentro e por fora.//</p> <p>Rainha: Aleijadinho foi um importante artista que contribuiu para a arquitetura da igreja São Francisco de Assis.// Além disso,/ ele fez desenhos,/ quadros,/ estátuas e Santos que hoje estão preservados no museu Arquidiocesano de Arte Sacra,/ que fica próximo ao jardim de Mariana.//</p>
-----------------	--	--

<p>Sobe e desce BG</p> <p>Efeito música barroca</p> <p>Sobe e desce BG</p>		<p>Rainha: Aleijadinho aprendeu a esculpir quando criança,/ vendo o seu pai.//</p> <p>Aleijadinho: Nasci em 1730,/ em Ouro Preto.// Fui batizado como Antônio Francisco Lisboa,/ mas fiquei conhecido como Aleijadinho por que eu tinha uma doença que me fazia perder os movimentos das mãos e dos pés.//</p> <p>Fui escultor e arquiteto,/ seguindo os passos do meu pai,/ o mestre de obras português Manuel Francisco Lisboa.//</p> <p>Rainha: a arquitetura da Cidade seguia o estilo barroco.//</p> <p>Aleijadinho: Barroco é um estilo de arte que começou na Itália no final do século 16.// A arquitetura desse estilo é exuberante e cheia de detalhes.//</p>
--	--	---

Vinheta de encerramento		<p>Rainha: Cada canto dessa cidade rende boas histórias,/ não é mesmo?// Por isso,/ no próximo episódio vou te apresentar os distritos de Mariana de um jeito bem legal.// Não perca!//</p> <p>Créditos: Esse podcast foi feito para crianças curiosas que gostam de histórias reais sobre pessoas reais.// Produzido por Iris Ventura na Universidade Federal de Ouro Preto,/ como trabalho de conclusão de curso de Jornalismo em 2019.// O roteiro e a edição deste podcast foram feitos por Iris Ventura sob orientação de Luana Viana.//</p> <p>Participaram deste episódio: Julia de Melo Arantes como Rainha Maria Ana,/ Matheus Queiroz como Gomes Freire de Andrade,/ Hugo Andrade como o arquiteto José Fernandes e Luiz Loureiro como Aleijadinho.//</p>
-------------------------	--	---

<p>Sobe e desce BG</p> <p>Sobe e desce BG</p>	<p>Rainha: O prefeito é a figura que representa uma cidade,/ como um chefe representa sua empresa.// Ele planeja e realiza ações que sejam boas para a população.// Além dele,/ os vereadores também trabalham por uma cidade melhor,/ para que tenha bons hospitais,/ limpeza,/ iluminação,/ educação e segurança.// O prefeito e os vereadores são escolhidos pelos moradores da cidade,/ por meio de uma eleição.//</p> <p>Algumas cidades são divididas por distritos,/ ou pra ficar mais fácil de entender,/ divididas por regiões.// E Mariana é assim.//</p> <p>Rainha: A cidade é composta por 10 distritos.// Mas calma,/ vou te apresentar todos.// São eles: Bandeirantes,/ Cachoeira do Brumado,/ Camargos,/ Cláudio Manoel,/ Furquim,/ Monsenhor Horta,/ Padre Viegas,/ Passagem de Mariana,/ Santa Rita Durão e Águas Claras.//</p>
---	---

<p>Sobe e desce BG</p> <p>Efeito sonoro extração de ouro</p> <p>Efeito sonoro cachoeira</p> <p>Sobe e desce BG</p>	<p>Rainha: Bandeirantes fica a 14 km do Centro de Mariana.// Lá estão algumas casas e igrejas construídas há um tempão,/ incluindo a casa onde nasceu Pedro Aleixo,/ um político famoso da década de 1930.//</p> <p>Pedro Aleixo: Fui político,/ advogado,/ professor e jornalista.// No distrito de Bandeirantes,/ minha terra natal,/ existe o centro comunitário com o meu nome,/ onde estão guardados objetos de minha história.//</p> <p>Rainha: Já Cachoeira do Brumado foi um distrito fundado pelo Bandeirante João Pedroso,/ que estava presente quando descobriram o ouro na região.// O lugar está a 27 km do Centro de Mariana.// É famoso pela culinária,/ pelo artesanato e pela cachoeira que também chama Brumado.//</p>
--	---

<p>Sobe e desce BG</p>	<p>Rainha: O distrito com o nome de Camargo foi fundado em 1780 por um grupo de Bandeirantes,/ incluindo Tomás Lopes de Camargo.// O lugar possui a igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição.//</p> <p>Rainha: Um pouco mais longe de Mariana está localizado o distrito Cláudio Manoel.// Lá tem muitas cachoeiras e fazendas.// O nome do lugar homenageia o poeta Cláudio Manuel,/ lembra dele?//</p> <p>Cláudio Manuel: O distrito Cláudio Manuel foi criado em 16 de agosto de 1889.// É uma honra ter um lugar com o meu nome,/ ainda mais em minha terra natal.//</p> <p>Rainha: O poeta Cláudio Manuel, nasceu em um outro distrito de Mariana,/ o Padre Viegas.// Está a 10 km da cidade e também ganhou esse nome por conta de uma figura religiosa que viveu na cidade.//</p>
------------------------	---

<p>Efeito de pássaros (simbolizando a tranquilidade do distrito)</p> <p>Sobe e desce BG</p>	<p>Rainha: A 28 km de Mariana está o distrito de Furquim,/ conhecido por suas festas tradicionais e religiosas.//</p> <p>Por volta de 1697,/ foi fundado o distrito de Monsenhor Horta.// Lá viveu o coronel Salvador Fernandes Furtado,/ contei sobre ele lá no início da história de Mariana.//</p> <p>Salvador Furtado: Vivi em Monsenhor Horta,/ que é conhecido como um distrito tranquilo e harmonioso.// Antigamente,/ se chamava São Caetano do Rio do Carmo hoje o nome é em homenagem ao padre Monsenhor Horta.//</p> <p>Rainha: Outro distrito é o de Passagem de Mariana.// Está localizado apenas a 8 km do centro da cidade.// Lá há uma antiga mina de ouro, aberta para visitantes.// Já o distrito de Santa Rita Durão foi descoberto por homens que estavam atrás de Ouro naquela região.// O nome faz uma homenagem ao poeta que leva o mesmo nome do distrito.//</p>
---	---

<p>Sobe e desce BG</p>	<p>Rainha: Por último,/ Águas Claras.// É o distrito mais novo,/ nele estão localizadas lindas cachoeiras,/ trilhas ecológicas e belas paisagens,/ por isso o lugar carrega esse nome.//</p> <p>Ufa,/ são tantos lugares legais!//</p> <p>Rainha: Esse é o nosso último episódio.// Espero que você tenha conseguido aprender muita coisa até aqui.// Primeiro,/ falamos do surgimento e porque a cidade se chama Mariana,/ lembra?// No segundo e terceiro,/ falamos da educação e das igrejas.// Você conheceu bispos e padres importantes para a história da cidade.//</p> <p>No quarto e quinto episódios,/ falei sobre poesia,/ literatura e música.// Te apresentei escritores e poetas famosos em Mariana.//</p>
------------------------	---

	<p>Créditos: Esse podcast foi feito para crianças curiosas que gostam de histórias reais sobre pessoas reais.// Produzido por Iris Ventura na Universidade Federal de Ouro Preto, / como trabalho de conclusão de curso de Jornalismo em 2019.// O roteiro e a edição deste podcast foram feitos por Iris Ventura sob orientação de Luana Viana.//</p> <p>Participaram deste episódio: Julia de Melo Arantes como Rainha Maria Ana, / Marcelo Sena como o Coronel, / Thiago Pb como Alphonsus de Guimaraes, / Uriel Silva como Cláudio Manoel da Costa e Jean Lourenço como Pedro Aleixo.//</p>
--	--